

LIVRO 7 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT
JORDAN
UMA COROA
DE ESPADAS



"COM *A RODA DO TEMPO*, JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR
O MUNDO QUE TOLKIEN COMEÇOU A DIFUNDIR."

The New York Times



UMA COROA
DE ESPADAS



ROBERT
JORDAN

UMA COROA
DE ESPADAS

LIVRO 7 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA E
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES



Copyright © 1993 by Robert Jordan
Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associated Inc.
“The Wheel ofTime®”, “The Fires of Heaven™” e o símbolo da
roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan.
Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL
A Crown of Swords

EDIÇÃO
Flora Pinheiro

COPIDESQUE
Rayssa Galvão
Beatriz D'Oliveira

REVISÃO
Laís Franco

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM PÁGS. 2 E 3
Shutterstock.com

MAPA
Ellisa Mitchell

ADAPTAÇÃO DO MAPA
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J69c

Jordan, Robert, 1948-2007
Uma coroa de espadas / Robert Jordan ; tradução Mariana Serpa,
Rafael Miranda Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.
768 p. ; 23 cm. (A roda do tempo ; 7)

Tradução de: A Crown of Swords
Sequência de: O senhor do caos
ISBN 978-65-5560-314-9

I. Ficção americana. I. Serpa, Mariana. II. Rodrigues, Rafael Miranda.
III. Título. IV. Série.

21-72729

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Não pode haver saúde em nós, nem nada de bom pode crescer, pois a terra é uma com o Dragão Renascido, e ele é um com a terra. Alma de fogo, coração de pedra, conquista com orgulho, forçando os orgulhosos a se renderem. Conclama as montanhas a se ajoelharem, os mares a abrirem passagem, os próprios céus a se curvarem. Rogai para que o coração de pedra recorde as lágrimas, e a alma de fogo, o amor.

(trecho da mui controversa tradução de *As Profecias do Dragão* da poeta Kyera Termendal, de Shiota, supostamente publicada entre 700 AL e 800 AL)





Praga

Shayol Ghul

as Terras Devastadas

Maradon
ALDAEA

Planícies das Lanças
KANDOR

Chachin

Montanhas de Dhoon

Shol Arbela

ARAFEL

Fal Dara

Fal Moran

SHIENAR

Garganta de Tarwin

Passos de Miana

Deserto

as Colinas Negras

Tar Valon

Monte do Dragão

Passo de Jougai

para Rhuidem

Estepes de Caralain

Cairhien
CAIRHIEN

ANDOR
Ponte Branca Quatro Reis

Caemlyn

Avingill

Lugard
MURANDY

Jar Madding

Haddon Mork

Planície de Maredo

Tear

TEAR

Godan

Pouso Shangai

as Terras Afundadas

Mayene

Andaking

Illian

para as Ilhas do Povo do Mar

MAR das TEMPESTADES

Rios Estradas Fronteira Florestas Cidades



PRÓLOGO



RAIOS

Da alta janela em arco, a quase oitenta braças de distância do chão, pertíssimo do topo da Torre Branca, Elaida via muitas milhas para além de Tar Valon, via até as planícies ondulantes e florestas à margem do vasto Rio Erinin, que descia do norte e do oeste antes de se dividir ao redor das muralhas brancas da imensa cidade-ilha. No chão, a cidade devia estar toda salpicada pelas compridas sombras matinais, mas, lá daquela altura, tudo parecia límpido e cristalino. Nem as lendárias “torres sem fim” de Cairhien eram páreo para a Torre Branca — assim como nenhuma das torres menores de Tar Valon, naturalmente, apesar de tudo o que se falava a respeito daquelas construções, com suas pontes cortando os céus.

Lá daquela altura, a brisa quase constante amainava o calor surreal que açoi-tava o mundo. Passado o Festival das Luzes, a neve já deveria ter coberto todo o chão, mas o clima permanecia arraigado em um verão tórrido. Mais um indício de que a Última Batalha estava próxima e de que o mundo estava sob o toque do Tenebroso, se é que ainda precisavam de mais indícios para ter certeza. Claro que Elaida não se deixava afetar pelo calor, mesmo quando descia. Não fora pela brisa que transferira seus aposentos para aquela aqueles aposentos mais simples ali de cima, a despeito da inconveniência da enorme escadaria.

Os azulejos lisos em tom de ferrugem e as paredes de mármore branco decoradas por algumas tapeçarias não se comparavam ao esplendor do gabinete e dos aposentos da Amyrlin. Elaida às vezes ainda usava algumas daquelas salas, já que carregavam muitas associações com o poder do Trono de Amyrlin, mas era ali que residia e onde quase sempre trabalhava. A mudança fora pela vista. Mas não a vista da cidade, dos rios ou das florestas. A vista do que pouco a pouco

tomava forma entre os muros da Torre. Ali, no que outrora fora o pátio de treinamento dos Guardiões, havia grandes escavações, alicerces assentados, compridos grous de madeira e pilhas de mármore e granito. Pedreiros e operários fervilhavam feito formigas em meio à obra, e um fluxo infinito de carroções entrava e saía pelos portões da Torre, trazendo mais pedras. Em um dos cantos ficava um “modelo de trabalho”, como os pedreiros chamavam; era uma miniatura da construção toda de madeira, mas grande o bastante para que os homens entrassem, agachados, e observassem cada detalhe, definindo o ponto exato onde assentar cada pedra. A maioria dos operários não sabia ler, não importava se fossem palavras ou os esboços dos pedreiros. O “modelo” era tão grande quanto algumas mansões.

Se qualquer rei ou rainha tinha direito ao próprio palácio, por que o Trono de Amyrlin deveria ser relegado a aposentos só um pouco melhores que os das tantas irmãs comuns? Ah, mas o palácio que mandara construir faria frente ao esplendor da Torre Branca, com um pináculo imenso, dez braços maior que a própria Torre. O pedreiro-mestre empalidecera ao ouvir aquilo. A Torre tinha sido construída pelos Ogier e com a ajuda do Poder manejado pelas irmãs. No entanto, bastara uma olhada para o rosto de Elaida e o Mestre Lerman pôs-se a fazer medidas e gaguejar que tudo seria feito como ela desejasse, claro, claro. Como se houvesse dúvida.

Elaida apertou os lábios, exasperada. Tentara dispor outra vez dos pedreiros Ogier, mas eles por algum motivo estavam confinados em seus *pousos*. Quando convocou o mais próximo, o Pousado Jentoin, nas Montanhas Negras, a resposta foi uma recusa. Uma resposta educada, porém ainda assim uma recusa ao Trono de Amyrlin, e sem a menor explicação. Os Ogier eram reclusos, para dizer o mínimo. Ou talvez estivessem se afastando daquele mundo tumultuado. Eles sempre se mantinham apartados das contendas humanas.

Elaida tirou os Ogier de vez da cabeça. Orgulhava-se de saber separar o possível do impossível. Os Ogier eram uma trivialidade. Só o que tinham no mundo eram as cidades construídas tanto tempo antes, lugares que raramente visitavam, exceto para fazer restauros.

Os homens lá embaixo, apinhados feito insetos no pátio de construção, a fizeram franzir o cenho de leve. A construção avançava a passos lentos. Os Ogier estavam fora de cogitação, tudo bem, mas talvez pudessem voltar a usar o Poder Único na obra. Poucas irmãs tinham força de verdade na urdidura de Terra, mas não era preciso grandes feitos para reforçar ou unir pedras. Sim... Já imaginava o palácio acabado, com seus corredores de colunatas e grandes domos

reluzentes, cheio de ouro, com o pináculo a tocar os céus... ergueu outra vez os olhos para o firmamento límpido onde o topo do pináculo se avultaria e soltou um longo suspiro. Sim. Emitiria as ordens naquele mesmo dia. O enorme relógio de pé na sala atrás dela bateu a Terceira Aurora, e os gongos e sinos na cidade também badalaram, o som chegando fraco naquela torre tão elevada. Elaida se afastou da janela com um sorriso, alisando o vestido de seda creme com listras vermelhas e ajeitando a larga estola listrada do Trono de Amyrlin que levava nos ombros.

No relógio coberto de douraduras, algumas estatuetas de ouro e prata laqueadas se moviam junto dos sinos. Em um dos vários patamares, Trollocs com chifres e focinhos de bicho fugiam de uma Aes Sedai envolta em capa; em outro, um falso Dragão tentava desviar de raios obviamente enviados por uma segunda irmã. Bem no meio do relógio, logo acima da cabeça de Elaida, um rei e uma rainha coroados ajoelhavam-se diante do Trono de Amyrlin, com sua estola esmaltada. Um arco dourado se avultava acima da representação da Amyrlin, ostentando a Chama de Tar Valon entalhada em uma grande pedra-da-lua.

Elaida não era muito afeita a risadas, mas não pôde evitar uma risadinha de satisfação quando olhou o relógio. Cemaile Sorenthaine, que fora elevada das irmãs Cinza, encomendara aquela peça sonhando com um retorno aos tempos de antes das Guerras dos Trollocs, quando nenhum governante era empossado sem aprovação da Torre. Os grandes planos de Cemaile tinham sido reduzidos a pó, assim como ela própria, e o relógio passara três séculos em um depósito empoeirado, como uma vergonha que ninguém ousava exibir. Até a chegada de Elaida. Ah, a Roda do Tempo girava. O que fora uma vez podia voltar a ser. E voltaria.

O relógio de pé combinava bem com as portas da sala de estar, a do dormitório e a da sala de vestir, que ficavam mais adiante. Lindas tapeçarias coloridas de Tear, Kandor e Arad Doman, com bordados em fios de ouro e prata, cintilavam entre outras peças, essas apenas tingidas, cada uma pendurada exatamente defronte seu par. Elaida sempre gostara de ordem. O carpete que cobria quase todo o chão de azulejos vinha de Tarabon, com padronagens em verde, vermelho e dourado — carpetes de seda eram artigos preciosos. Em cada quina do aposento, um plinto de mármore com entalhes verticais despretensiosos sustentava um vaso branco da frágil porcelana do Povo do Mar, cada um com duas dúzias de rosas vermelhas dispostas em arranjos muito cuidadosos. Precisara do Poder Único para florescer as rosas, sobretudo com a seca e o calor, mas Elaida achava que era um bom uso do Poder. Entalhes dourados revestiam a única cadeira do

aposento — *ninguém* mais se sentava na presença dela — e a escrivaniinha, mas os móveis ainda assim mantinham o estilo austero de Cairhien. Era um aposento simples, com pé-direito de no máximo duas braças, mas estava de bom tamanho até que o palácio estivesse pronto. Com a vista, estava de bom tamanho.

Elaida se sentou, a Chama de Tar Valon encrustada de pedras-da-lua no espaldar alto avultava-se por sobre sua cabeleira escura. Nada estragava a perfeição da superfície da mesa, exceto por três caixas de laca altarana dispostas em perfeita ordem. A mulher abriu a caixinha com desenhos de gaviões dourados em meio a nuvens brancas, de onde tirou uma fina tira de papel de uma pilha de informes e correspondências. Pelo que talvez fosse a centésima vez, leu a mensagem que chegara de um pombo de Cairhien, doze dias antes. Poucas na Torre sabiam daquela missiva, e ninguém além dela sabia do conteúdo — se soubesse, não teria a mais vaga ideia do que significava. Ela quase riu de novo, só de pensar.

O anel foi colocado no nariz do touro. Espero uma ida agradável ao mercado.

Não havia assinatura, mas não precisava. Aquela mensagem gloriosa só poderia ter vindo de Galina Casban. A mulher em quem Elaida confiava para fazer o que não confiaria que mais ninguém além dela mesma poderia conseguir. Não que confiasse plenamente em qualquer outra pessoa, mas sua consideração pela líder da Ajah Vermelha era maior do que por qualquer outra Aes Sedai. Afinal, ela própria fora elevada dentre as Vermelhas. Sob muitos aspectos, ainda se considerava Vermelha.

O anel foi colocado no nariz do touro.

Rand al'Thor, o Dragão Renascido, o homem que parecera prestes a tragar o mundo, o homem que tragara até demais do mundo... Rand al'Thor estava blindado e sob o controle de Galina. E ninguém que pudesse ajudá-lo sabia. Se houvesse a menor chance de que soubessem, a mensagem teria sido diferente. A julgar pelas diversas missivas anteriores, parecia que o rapaz redescobrira como Viajar, um Talento que as Aes Sedai tinham perdido desde a Ruptura. Mas nem isso o salvara — na verdade, acabara sendo vantajoso para Galina. Ao que parecia, o rapaz tinha o hábito de ir e vir sem avisar. Quem suspeitaria que, desta vez, em vez de sair, Rand fora capturado? Elaida emitiu um som muito similar a uma risadinha.

Dali a mais uma semana, no máximo duas, al'Thor estaria na Torre, para ser vigiado de perto e conduzido em segurança a Tarmon Gai'don, impedido de

devastar o mundo. Era loucura deixar qualquer homem capaz de canalizar à solta, mas sobretudo o homem que, segundo a profecia, enfrentaria o Tenebroso na Última Batalha — o que quisesse a Luz que ainda levaria muitos anos, apesar do sinais do clima. Precisariam de anos para organizar o mundo de vez, a começar por desfazer os feitos de al’Thor.

Naturalmente, os prejuízos que o rapaz causara não eram nada em comparação ao que poderia ter provocado, se tivesse operado solto. Isso sem mencionar a possibilidade de ele acabar morto antes da hora. Bom, aquele moleque inoportuno poderia ser restringido e contido feito uma criança nos braços da mãe, mantido em segurança até a hora de levá-lo a Shayol Ghul. Depois disso, se sobrevivesse...

Elaida apertou os lábios. As Profecias do Dragão pareciam afirmar que al’Thor não sobreviveria, o que inegavelmente seria melhor.

— Mãe? — Elaida quase levou um susto ao ouvir a voz de Alviarin. A mulher entrara sem nem bater! — Trago notícias das Ajahs, Mãe.

Alviarin, esguia e de feições impassíveis, usava a estola estreita da Curadora em branco, combinando com o vestido, mostrando que fora elevada pelas Brancas. Saindo de sua boca, “Mãe” soava mais como um tratamento a uma igual do que um indicativo de respeito.

A presença de Alviarin era suficiente para destruir o bom humor de Elaida. Ter uma Curadora das Crônicas elevada das Brancas, não das Vermelhas, era sempre um lembrete mordaz de sua própria fraqueza quando assumiu o Trono. Era verdade que os problemas tinham diminuído um pouco, porém não completamente. Elaida já estava farta daquela sensação de arrependimento por possuir poucos olhos-e-ouvidos fora de Andor. E ainda mais considerando a fuga de sua predecessora e da de Alviarin. As duas ainda por cima tinham recebido ajuda interna — só podiam ter recebido ajuda! As duas tinham fugido antes que as chaves para a grande rede de olhos-e-ouvidos da Amyrlin fossem arrancadas à força de suas mãos.

Elaida desejava com fervor a rede que era sua por direito. Havia a forte tradição de que as Ajahs compartilhassem com a Amyrlin, por intermédio da Curadora, o pouco do que tiravam de seus olhos-e-ouvidos que estavam dispostas a compartilhar, mas Elaida estava convencida de que a Curadora estava escondendo até mesmo esse tantinho de informações. Ainda assim, não podia tentar se informar diretamente com as Ajahs. Já era ruim demais estar politicamente fraca, mesmo sem sair implorando migalhas para o resto do mundo — na verdade para a Torre, que era a parte do mundo que de fato importava.

Elaida manteve a expressão tão impassível quanto a da Curadora, reconhecendo sua presença com um mero aceno de cabeça enquanto fingia examinar os

papéis da caixa laqueada. Virou-os devagar, um por um, e devolveu-os à caixa sem ler uma só palavra. Fazia Alviarin esperar por pura amargura, uma atitude mesquinha, mas só tinha a mesquinhez como arma contra aquela que deveria ser sua serviçal.

Na teoria, uma Amyrlin podia emitir qualquer decreto que desejasse, e sua palavra era lei. Na prática, entretanto, muitos desses decretos seriam desperdício de papel e tinta sem o apoio do Salão da Torre. Nenhuma irmã desobedeceria a uma Amyrlin, pelo menos não diretamente, porém muitos decretos tinham implementação condicionada a centenas de outras regulamentações. Levava tempo, mesmo em condições favoráveis; em certos casos, precisava de tanto tempo que a coisa acabava nunca acontecendo. E as condições estavam longe de ser favoráveis.

Alviarin permaneceu ali, plácida feito um lago congelado. Elaida fechou a caixa de laca altarana, deixando de fora a tira de papel que anunciava a certeza de sua vitória. Em um gesto inconsciente, correu os dedos pelo papel, seu talismã.

— Teslyn ou Joline enfim se dignaram a enviar qualquer coisa além de um aviso de que chegaram em segurança?

Falou aquilo com a intenção de lembrar a Alviarin que ninguém podia se considerar imune. Ninguém ligava para o que acontecia em Ebou Dar, e Elaida menos ainda. A capital de Altara poderia ser tragada pelo mar, que nem a própria Altara perceberia, à exceção dos mercadores, claro. No entanto, Teslyn ocupava o Salão por quase quinze anos antes de Elaida ordenar sua renúncia à cadeira. Se podia despachar uma Votante — Votante *Vermelha* e que apoiara a sua ascensão — como representante diplomática de um reino insignificante sem qualquer motivo aparente além dos rumores que circulavam por aí, poderia reprimir qualquer um. Com Joline, a coisa era diferente. A Votante representara as Verdes por apenas algumas semanas, e era consenso que a Ajah a escolhera apenas para mostrar que não se acovardariam diante da nova Amyrlin — que respondera com uma punição espantosa. Naturalmente, Elaida não poderia permitir nem aquele mínimo de insolência. E não permitira. O que também era do conhecimento geral da Torre.

O comentário tivera a intenção de lembrar Alviarin da própria vulnerabilidade, mas a mulher esguia apenas abriu um sorriso frio. Enquanto o Salão permanecesse como estava, a mulher *era mesmo* imune. Alviarin folheou os papéis que tinha nas mãos e selecionou um.

— Não, Mãe, nenhuma linha de Teslyn nem de Joline, mas, com as notícias que a senhora recebeu dos tronos... — O sorriso se alargou, já quase

ultrapassando a fronteira perigosa da satisfação. — Todos pretendem testar as próprias asas, ver se a senhora é tão forte quanto... sua predecessora.

Até Alviarin era sensata o bastante para não pronunciar o nome de Sanche na presença de Elaida. Porém era verdade: todos os reis e rainhas, até os nobres inferiores, pareciam estar testando os limites do poder da nova Amyrlin. Elaida tinha que dar exemplos.

Alviarin prosseguiu, examinando o papel:

— No entanto, chegou uma notícia de Ebou Dar. Veio das Cinza. — Será que a mulher enfatizara aquilo para cravar ainda mais fundo a farpa que apresentava? — Parece que Elayne Trakand e Nynaeve al'Meara estão por lá, se passando por irmãs plenas, com a bênção da... *missão diplomática* rebelde para a Rainha Tylin. Outras duas, não identificadas, talvez estejam fazendo o mesmo. A lista das seguidoras rebeldes está incompleta. Talvez sejam só acompanhantes. As Cinza não têm certeza.

— Por que, sob a Luz, elas estariam em Ebou Dar? — perguntou Elaida, com desdém. Decerto Teslyn teria informado *isso*. — As Cinza devem estar transmitindo apenas boatos. Segundo a mensagem de Tarna, as moças estão com as rebeldes em Salidar.

Tarna Feir também relatara a presença de Suan Sanche por lá. E de Logain Ablar, que espalhava aquelas mentiras odiosas que nenhuma irmã Vermelha podia se rebaixar a validar, muito menos a negar. Se aquela obscenidade não tinha a mão da tal Sanche, o sol passaria a nascer no oeste. Por que a mulher não tinha simplesmente se arrastado até um buraco e morrido feito outras estancadas, como era decente?

Elaida precisou se concentrar para não respirar fundo. Logain seria enforcado sem alarde assim que lidasse com aquelas rebeldes. O mundo quase inteiro já achava que o homem estava morto havia muito tempo. A acusação de que a Ajah Vermelha armara para firmá-lo como falso Dragão morreria com ele. Quando desse cabo das rebeldes, forçaria a tal Sanche a entregar a chave de acesso aos olhos-e-ouvidos da Amyrlin. E a nomear as traidoras que tinham ajudado na fuga. Era uma esperança tola desejar ver o nome de Alviarin entre o das traidoras.

— Não consigo imaginar aquela al'Meara correndo até Ebou Dar alegando ser Aes Sedai, que dirá Elayne. Você consegue?

— A senhora de fato ordenou que Elayne fosse localizada, Mãe. A senhora disse que era tão importante quanto botar al'Thor na coleira. Quando a garota estava junto das trezentas rebeldes de Salidar, era impossível fazer qualquer coisa. Mas ela não estará tão protegida no Palácio Tarasin.

— Não tenho tempo para boatos e fofocas. — Elaida proferiu cada palavra com desprezo. Alviarin saberia mais do que devia, mencionando al’Thor? — Sugiro que releia o relatório de Tarna depois reflita se alguma Aes Sedai permitiria que Aceitas fingissem usar o xale, mesmo as *rebeldes*.

Alviarin esperou pacientemente que ela terminasse, então voltou a examinar a pilha de papéis, puxando mais quatro folhas.

— O agente Cinza enviou esboços — disse, com a voz branda, estendendo as folhas. — O homem não é nenhum artista, mas dá para reconhecer Elayne e Nynaeve. — Então, logo em seguida, diante da imobilidade de Elaida, guardou os desenhos junto aos outros papéis.

A Amyrlin sentiu o rosto tomado pela cor da raiva e do constrangimento. Alviarin a ludibriara de propósito, sem querer exibir os esboços logo de início. Ignorou a provocação — qualquer reação causaria ainda mais constrangimento —, mas deixou a voz gélida:

— Quero que sejam capturadas e trazidas até mim.

A falta de curiosidade no rosto da Curadora fez Elaida voltar a pensar no quanto a mulher sabia do que não deveria saber. A garota al’Meara era da mesma aldeia de al’Thor, e poderia muito bem fornecer um meio de controlar o rapaz. Todas as irmãs sabiam disso, assim como sabiam que Elayne era Filha-herdeira de Andor e que sua mãe estava morta. Os vagos rumores que ligavam Morgase aos Mantos-brancos eram uma bobagem sem tamanho, posto que a mulher jamais teria pedido ajuda aos Filhos da Luz. Morgase estava morta, não deixara nem sequer um cadáver para trás, e Elayne seria Rainha. Isso se fosse tirada das rebeldes antes que as Casas Andorianas pusessem Dyelin no Trono do Leão. Porém, não era de conhecimento geral o que tornava Elayne mais importante que qualquer nobre com forte direito ao trono — além, naturalmente, do fato de que um dia seria Aes Sedai.

Elaida às vezes apresentava Previsões, um Talento que muitos julgavam perdido antes de ela chegar. Muito tempo antes, a mulher Previra que a Casa Real de Andor possuía a chave para a vitória da Última Batalha. Mais de vinte e cinco anos tinham se passado, e tão logo ficou claro que Morgase Trakand teria direito ao trono por Sucessão, Elaida havia se grudado à Elayne, que na época ainda era uma menina. Ainda não sabia como Elayne teria um papel crucial, mas a Previsão nunca falhava. Às vezes ela quase odiava aquele Talento. Odiava tudo o que não era capaz de controlar.

— Quero as quatro, Alviarin. — As outras duas não tinham muita importância, claro, mas não queria se arriscar. — Mande a ordem a Teslyn imediatamente. Diga a ela e a Joline que, se não mandarem informes regulares de agora em

diante, vão desejar nunca ter nascido. E incluía nisso as informações vindas da tal Macura. — Elaine comprimiu os lábios ao mencionar aquela última.

O nome também fez Alviarin se remexer, desconfortável — o que não era de se espantar. A infusão hedionda de Ronde Macura incomodava qualquer irmã. Raiz-dupla não era letal — pelo menos a pessoa acordava, mesmo que bebesse o suficiente para apagar —, mas um chá que matava a habilidade de uma mulher de canalizar parecia uma arma muito direcionada às Aes Sedai. Pena que a informação só tivesse sido recebida depois da partida de Galina; se a infusão causasse nos homens o mesmo efeito que parecia causar nas mulheres, a tarefa dela teria sido consideravelmente mais fácil.

A inquietação de Alviarin durou apenas um breve instante; no momento seguinte, a mulher já recobrou o autocontrole e parecia inflexível feito uma muralha de gelo.

— Como desejar, Mãe. Tenho certeza de que vão se apressar em obedecer, como deveriam.

Um súbito lampejo de irritação corroeu Elaida feito fogo em pasto seco. O destino no mundo em suas mãos, e pedrinhas insignificantes teimavam em surgir sob seus pés. Já era ruim o bastante ter que lidar com rebeldes e governantes recalcitrantes, mas ainda havia muitas Votantes tramando e mostrando os dentes por suas costas, criando um terreno fértil para que essas outras mulheres plantassem suas ideias. Apenas seis das Votantes permaneciam em suas mãos, e Elaida suspeitava que pelo menos o mesmo número desse plenos ouvidos a Alviarin. Era certo que nada de importante passava pelo Salão sem a anuência de Alviarin — não como um acordo franco, nem havia qualquer validação de que Alviarin detivesse a menor fração de influência ou poder além do normal para uma Curadora, mas se ela se opusesse a alguma medida... pelo menos o Salão ainda não chegara a ponto de recusar uma ordem de Elaida. Apenas protelavam as decisões e com muita frequência deixavam de lado o que ela pleiteava. Uma pequeníssima coisa pela qual se alegrar, pois muitas Amyrlins tinham se tornado meras marionetes tão logo o Salão adquiria gosto em rejeitar suas propostas.

Elaida cerrou os punhos, produzindo um leve estalido na folha de papel.

O anel foi colocado no nariz do touro.

Alviarin parecia rígida feito uma estátua de mármore, mas Elaida já não se incomodava. O pastor estava vindo para ela. As rebeldes seriam aniquiladas, o Salão se acovardaria, Alviarin seria forçada a se ajoelhar, e cada governante

rebelde seria colocado de volta na linha, de Tenobia a Saldaea, que se escondera para evitar a emissária da Torre, até mesmo Martin Stepaneos de Illian, que estava mais uma vez tentando jogar de todos os lados, entrando em acordos com ela e com os Mantos-brancos — e, até onde Elaida sabia, até mesmo com al’Thor. Elayne seria colocada no trono de Caemlyn, sem o irmão para atrapalhar e com pleno conhecimento de quem a pusera lá. Em pouco tempo depois que voltasse à Torre, a garota viraria barro mole nas mãos da Amyrlin.

— Quero *aqueles homens* exterminados, Alviarin. — Não havia necessidade de dizer a quem se referia; metade da Torre não falava de nada além *daqueles homens* e de sua *Torre Negra*, e a outra metade cochichava sobre eles pelos cantos.

— Recebemos relatórios perturbadores, Mãe.

Alviarin tornou a olhar os papéis, mas Elaida achou que era só para ter o que fazer com as mãos. A mulher não pegou mais nenhuma folha, e, ainda que nada mais a perturbasse por muito tempo, aquele monte de esterco desgraçado nos arredores de Caemlyn deveria causar alguma reação.

— *Mais* rumores? Está acreditando nas histórias de que milhares andam debandando para Caemlyn em resposta àquela *anistia obscena*?

Não era o menor dos feitos de al’Thor, mas também não era motivo para preocupação. Só mais uma imundície que precisava ser completamente limpa antes da coroação de Elayne em Caemlyn.

— É claro que não, Mãe, mas...

— Toveine vai assumir a liderança; esta tarefa é mais adequada às Vermelhas.

Toveine Gazal passara quinze anos afastada da Torre, até que Elaida a convocara de volta. As outras duas Votantes Vermelhas que tinham renunciado e partido para um retiro “voluntário” ao mesmo tempo tinham virado mulheres de olhar nervoso, mas, ao contrário de Lirene e Tsutama, Toveine só endurecera durante o exílio solitário.

— Ela vai levar cinquenta irmãs. — Não devia haver mais de dois ou três homens de fato capazes de canalizar naquela *Torre Negra*, Elaida tinha certeza. Cinquenta irmãs não teriam dificuldade em sobrepujá-los. Ainda assim, teriam que dar conta dos outros. Parasitas, seguidores de exércitos, idiotas cheios de esperanças fúteis e ambições insanas. — E irá acompanhada de cem... não, de duzentos homens da Guarda.

— Tem certeza de que é uma decisão sensata? Os rumores sobre centenas deles sem dúvida são loucura, mas um agente das Verdes em Caemlyn afirma que tem mais de quatrocentos homens nessa *Torre Negra*. É um sujeito astuto.

Parece que contou os carroções de suprimentos que deixavam a cidade. E a senhora está ciente dos rumores de que Mazrim Taim também está por lá.

Elaida fez um esforço para manter a expressão serena e quase falhou. Proibira a menção ao nome de Taim e se amargava por *não ousar* impor uma pena a Alviarin. *Não ousava!* A mulher a encarou bem nos olhos, e a ausência de um simples “Mãe” perfunctório ficou marcada. E a *audácia* de perguntar se a decisão de Elaida era *sensata!* Ela era o Trono de Amyrlin! Não era a principal entre iguais; era o Trono de Amyrlin!

Abriu a maior caixa laqueada, revelando miniaturas entalhadas em marfim, organizadas sobre um veludo cinza. Em geral, bastava manusear a coleção para que se acalmasse, mas ia além disso: tal e qual os trabalhos de tricô pelos quais tinha tanto apreço, as figuras punham os interlocutores em seus devidos lugares quando ela deixava de ouvir o que tinham a dizer para dar atenção às miniaturas. Correu os dedos por uma delicada estatueta de um gato esguio e lânguido, então por uma mulher bem elaborada usando vestido, com um animalzinho peculiar acororado nos ombros — mais parecia um homem coberto de pelos, decerto uma fantasia do artista. Depois de um longo tempo, escolheu um peixe curvado, de entalhes tão delicados que parecia quase real, a despeito do amarelado do marfim já antigo.

— Quatrocentos populares, Alviarin. — Elaida já se sentia mais calma vendo que a Curadora estreitara os lábios. Tinha sido só um tantinho, mas iria saborear qualquer desmonte na expressão daquela mulher. — Isso se chegar a tanto. Só um idiota acreditaria que mais de um ou dois são capazes de canalizar. No máximo! Em dez anos, encontramos apenas seis homens com a habilidade. Só vinte e quatro nos últimos vinte anos. E você sabe como vasculhamos essa terra. Quanto a Taim...

O nome ardia na boca; o único falso Dragão que escapara do amansamento depois de chegar às mãos das Aes Sedai. Não queria isso nas Crônicas sob seu reinado, decerto não até se decidir sobre como aquilo entraria nos registros. No momento, as Crônicas não mencionavam nada após a captura de Taim.

Passou o dedo pelas escamas do peixe.

— O homem está morto, Alviarin, do contrário já teríamos ouvido dele há muito tempo. E não estaria servindo a al’Thor. Consegue imaginar que ele aceitaria passar de suposto Dragão Renascido a *um servo* do Dragão Renascido? Pode imaginá-lo em Caemlyn sem que Davram Bashere no mínimo tente matá-lo?

Ela alisou mais depressa o peixe de marfim, lembrando que o Marechal-General de Saldaea estava em Caemlyn sob as ordens de al’Thor. *Qual* era a jogada

de Tenobia? Porém, guardou tudo para si, mantendo a expressão tão serena quanto a das estatuetas.

— “Vinte e quatro” é um número perigoso para proferir em voz alta — comentou Alviarin, com um silêncio agourento. — Tão perigoso quanto “dois mil”. As Crônicas registram apenas dezesseis. A última coisa de que precisamos é que aqueles anos ressurjam. Ou que as irmãs que sabem apenas o que lhes foi contado descubram a verdade. Até as que a senhora trouxe de volta ainda mantêm o silêncio.

A Amyrlin assumiu uma expressão confusa. Até onde sabia, Alviarin só descobrira a verdade sobre aqueles anos depois de ser elevada a Curadora; porém, as coisas que a própria Elaida sabiam eram mais particulares. Não que Alviarin pudesse saber disso. Pelo menos, não com certeza.

— Filha, seja lá o que venha à tona, não tenho medo. Quem vai impor uma pena a *mim*, e sob que acusação?

O comentário se aproximava muito bem da verdade, mas não parecera impressionar a Curadora em nada.

— As Crônicas registram um número de Amyrlins que foram punidas publicamente por alguma razão obscura, mas sempre me pareceu que seria assim que uma Amyrlin relataria as questões, se sua única escolha fosse...

Elaida espalmou a mão na mesa com força.

— Já chega, filha! *Eu* sou a lei da Torre! O que esteve escondido permanecerá escondido, pela mesma razão que permaneceu durante vinte anos... Pelo bem da Torre Branca. — Só então começou a sentir o hematoma surgindo na palma; ergueu a mão, revelando o peixe partido em dois. Quantos anos tinha aquela estatueta? Quinhentos? Mil? Só o que conseguiu fazer foi não estremecer de raiva. A voz obviamente se intensificou quando continuou: — Toveine vai liderar cinquenta irmãs e duzentos homens da Guarda da Torre até Caemlyn, até essa tal Torre Negra, onde vão amansar e enforcar qualquer homem capaz de canalizar, junto de quaisquer outros que encontrem com vida. — Alviarin nem piscou frente à violação da lei da Torre. Elaida dissera a verdade, como pretendia que fosse transmitida. Sendo assim, ela *era* a lei da Torre. — Inclusive, quero que também enforcuem os mortos. Que sirvam de aviso para qualquer homem que pensar em tocar a Fonte Verdadeira. Mande Toveine vir me ver. Vou querer ouvir o plano dela.

— Será como a senhora ordenar, Mãe. — A resposta foi fria e plácida, como o rosto da Curadora. — No entanto, se me permite a sugestão, talvez a senhora queira reconsiderar o envio de tantas irmãs para longe da Torre. Parece que as

rebeldes acharam sua oferta pouco satisfatória. Já não estão mais em Salidar; estão em marcha. Os relatórios chegaram de Altara, mas a essa altura já devem estar em Murandy. E escolheram sua própria Amyrlin. — A Curadora examinou a primeira folha da pilha de papéis, como se procurasse o nome. — Egwene al’Vere, ao que parece.

O fato de Alviarin ter esperado tanto para revelar aquela que era a informação mais importante deveria ter feito Elaída explodir de fúria. Em vez disso, a Amyrlin jogou a cabeça para trás e gargalhou. Só um domínio firme da própria dignidade evitou que batesse os pés com força no chão. A surpresa no rosto da Curadora a fez rir ainda mais intensamente, até precisar secar as lágrimas com os dedos.

— Você não viu graça — disse, quando enfim conseguiu falar, em meio às gargalhadas. — Ainda bem que você é Curadora, Alviarin, não Votante. No Salão, cega como está, em um mês as outras já a prenderiam num armário, só libertando você quando precisassem do seu voto.

— Eu vejo o bastante, Mãe. — A voz de Alviarin não saiu apaixonada; poderia até ter congelado as paredes, de tão fria. — Vejo trezentas Aes Sedai rebeldes, talvez mais, marchando até Tar Valon com um exército liderado por Gareth Bryne, reconhecido como grande capitão. Descontando os informes mais ridículos, esse exército pode somar mais de vinte mil cabeças. E, com Bryne na liderança, outros se juntarão a eles em cada aldeia e cidade por onde passarem. Não afirmo que o grupo tem a esperança de tomar a cidade, claro, mas não é nem de longe motivo para gargalhadas. O Grão-capitão Chubain deve ser encarregado de aumentar o recrutamento para a Guarda da Torre.

Elaída encarou o peixe quebrado com amargura, então se levantou e andou a passos firmes até a janela mais próxima, mantendo-se de costas para Alviarin. O palácio em construção aliviou a angústia, assim como a pequena tira de papel que ainda segurava.

Abriu um sorriso para seu futuro palácio.

— Trezentas rebeldes, sim... Mas você deveria reler o relato de Tarna. Pelo menos cem já estão a ponto de ceder.

Elaída confiava em Tarna até certo ponto; era uma Vermelha sem espaço na cabeça para bobagens e dizia que as rebeldes estavam temerosas. Ovelhas desesperadas à procura de um pastor, dizia a mulher. Era uma bravia, claro, mas tinha bom senso. Tarna estaria de volta em breve, com um relato mais completo. Não que fosse necessário. Os planos de Elaída já estavam surtindo efeito entre as rebeldes. Mas isso era segredo.

— Tarna sempre teve muita certeza de que conseguiria convencer os outros a fazer o que estava claro que jamais fariam.

Teria havido uma ênfase naquela frase, alguma entonação significativa? Elaida decidiu ignorar. Precisava ignorar muita coisa de Alviarin, mas o dia dela ainda chegaria. E logo.

— Quanto ao exército, filha, Tarna diz que são dois ou três mil homens, no máximo. Se houvesse mais, essas rebeldes estariam exibindo seus números para nos intimidar. — Elaida achava que os olhos-e-ouvidos exageravam, para que as informações parecessem mais valiosas do que de fato eram. Só se podia confiar mesmo nas irmãs. As Vermelhas, pelo menos. Algumas. — Mas eu não me importaria se houvesse de fato vinte mil, ou cinquenta, ou cem. Você consegue sequer imaginar o porquê? — Quando ela se virou, encontrou Alviarin com o rosto composto e sereno, uma máscara sobre a ignorância ofuscante. — Você parece ter familiaridade com todos os aspectos da lei da Torre. Qual é a punição para as rebeldes?

— Para as líderes, o estancamento — respondeu Alviarin, hesitante. Ela franziu o cenho de leve, balançando minimamente as saias ao remexer os pés. Bom. Até uma Aceita sabia daquilo, e a mulher não vira sentido na pergunta de Elaida. Muito bom. — Para muitas das outras, também.

— Talvez.

As próprias líderes tinham chance de escapar desse destino, pelo menos a maioria, caso fizessem o que era certo e se entregassem. A penalidade mínima prevista em lei era o espancamento com varadas no Grande Salão, diante de todas as irmãs reunidas, seguida por pelo menos um ano e um dia de penas públicas. Nada, porém, afirmava que a punição deveria ser aplicada toda de uma vez: um mês aqui, um mês ali, e as mulheres ainda estariam cumprindo suas penas dali a dez anos, como um lembrete constante do que acontecia a quem se opunha a Elaida. Algumas seriam estancadas, claro... Sheriam, algumas supostas Votantes mais notórias... mas só o suficiente para que as outras temessem dar mais passos em falso, não o bastante para enfraquecer a Torre. A Torre Branca precisava se manter íntegra, precisava estar forte. Forte e sob rédeas firmes.

— Somente um dos crimes cometidos por elas *exige* o estancamento — prosseguiu Elaida.

Alviarin abriu a boca. Já houvera outras rebeliões, mas tinham sido tão escondidas que poucas irmãs tinham conhecimento dos fatos. As Crônicas não diziam palavra, e as listas de estancadas e executadas permaneciam apenas nos registros abertos à Amyrlin, à Curadora, às Votantes e às poucas bibliotecárias

que os guardavam. Mas Elaida não deu a Alviarin oportunidade de falar, apenas prosseguiu:

— Qualquer mulher que, por mentira ou falsidade, reivindique o título de Trono de Amyrlin *deve* ser estancada. Se essas rebeldes achassem que têm a menor chance de sucesso, *Sheriam* seria a Amyrlin. Talvez Lelaine, ou Carlinya, ou uma das outras. — Tarna reportara que Romanda Cassin voltara da aposentadoria. Romanda teria agarrado a estola com mãos ávidas se houvesse um décimo de chance de dar certo. — Em vez disso, escolheram uma *Aceita!*

Elaida balançou a cabeça, numa expressão sarcástica e satisfeita. Poderia citar cada palavra da lei que discorria sobre a escolha de uma mulher para ocupar o Trono de Amyrlin — afinal, ela própria fizera bom uso disso —, e nenhuma afirmava a necessidade de que a mulher fosse uma irmã plena. Era óbvio que *deveria* ser, de forma que as legisladoras nem se preocuparam em mencionar o fato, e essa tinha sido a brecha pela qual as rebeldes tinham se espremido.

— Elas sabem que não há esperança para a causa, Alviarin. Pretendem se vangloriar gritando ameaças vãs, tentando cavar alguma proteção contra as punições, para depois entregar a garota em sacrifício.

O que era uma pena. A tal al’Vere era mais um instrumento para manipular al’Thor e, quando atingisse força plena com o Poder Único, poderia ser uma das mais poderosas em mais de mil anos. Uma pena mesmo.

— Essa história de Gareth Bryne e um exército não me soam como tentativas de se vangloriar. O exército delas vai levar cinco ou seis meses para chegar a Tar Valon. Nesse meio-tempo, o Grão-capitão Chubain poderia aumentar a Guarda...

— O *exército* delas — repetiu Elaida, com desdém. Alviarin era tão idiota. Um coelhinho assustado, apesar da aparência impassível. Dali a pouco estaria repetindo as bobagens da tal Sanche sobre os Abandonados estarem à solta. Claro que ela não sabia do segredo, mas mesmo assim... — Só fazendeiros segurando lanças, açougueiros com arcos, alfaiates a cavalo! E, a cada passo, vão todos pensando nas Muralhas Reluzentes, que puseram Artur Asa-de-gavião em xeque. — Não, não um coelhinho assustado. Alviarin era uma doninha astuta. De todo modo, cedo ou tarde Elaida estaria enfeitando sua capa com a pele daquela doninha. Quisesse a Luz que fosse logo. — A cada passo do caminho, esse exército vai perder um homem, quiçá dez. Não vou achar nenhuma surpresa se as rebeldes aparecerem aqui apenas com seus Guardiões.

Gente demais sabia da cisão da Torre. Quando a rebelião fosse aplacada, claro que tudo poderia ser manipulado de modo a parecer uma manobra estratégica, uma parte da conquista de controle do jovem al’Thor. Levaria um esforço de

anos e gerações antes que as memórias se esvaíssem. Cada uma das rebeldes pagaria por aquilo de joelhos.

Elaida cerrou o punho como se agarrasse todas aquelas mulheres pela garganta. Ou Alviarin.

— Eu pretendo destruí-las, filha. Elas vão se despedaçar feito melão podre. — Seu segredo garantia isso, por mais fazendeiros e alfaiates em quem Lorde Bryne se fiasse, mas a Curadora que pensasse o que quisesse. De súbito, a Previsão tomou conta dela, uma certeza que nem com imagens concretas seria tão forte. Elaida poderia saltar de um penhasco às cegas, por aquela certeza. — A Torre Branca vai recuperar a integridade, exceto pelas banidas e rejeitadas, e, unida, será mais forte que nunca. Rand al'Thor enfrentará o Trono de Amyrlin e conhecerá sua fúria. A Torre Negra será lacerada em sangue e fogo, e as irmãs caminharão por ela. Isso eu Prevejo.

Como de costume, a Previsão a deixou trêmula e ofegante. Elaida se forçou a ficar parada, ereta, respirando devagar. Jamais deixava que vissem sua fraqueza. Alviarin, no entanto... estava com os olhos arregalados como nunca, os lábios abertos como se tivesse esquecido o que ia dizer. Um papel deslizou da pilha em suas mãos e quase caiu no chão antes que ela o agarrasse. Aquilo a trouxe de volta a si. Em um piscar de olhos, a Curadora recuperou a máscara de serenidade, uma imagem perfeita da calma das Aes Sedai. Mas sem dúvida ficara balançada. Ah, muito bom. Ela que ruminasse a certeza da vitória de Elaida. Que quebrasse os dentes de tanto ruminar.

Elaida respirou fundo, sentou-se outra vez junto à escrivaninha e apoiou a estatueta quebrada de peixe num cantinho onde não tivesse que encará-lo. Era hora de tirar vantagem da vitória.

— Há trabalho a ser feito hoje, filha. A primeira mensagem deve ir à Lady Caraline Damodred...

Elaida desfiou seus planos, explicando mais do que Alviarin já sabia e revelando um pouco do que ela não sabia, pois, no fim das contas, uma Amyrlin de fato precisava operar por meio de sua Curadora, por mais que a odiasse. Sentia prazer em observar os olhos de Alviarin, observá-la imaginar o que mais ainda não saberia. Porém, enquanto Elaida ordenava, dividia e classificava o mundo entre o Oceano de Aryth e a Espinha do Mundo, a imagem do jovem al'Thor saltitava em sua mente, vindo ao seu encontro feito um urso enjaulado, pronto para ser ensinado a dançar em troca de comida.

As Crônicas não conseguiriam registrar os anos da Última Batalha sem mencionar o Dragão Renascido, mas Elaida sabia que um nome seria maior do que

todos os outros. Elaida do Avrin a'Roihan, a filha mais jovem de uma Casa menor ao norte de Murandy, entraria para a história como o maior e mais poderoso Trono de Amyrlin de todos os tempos. A mulher mais poderosa da história do mundo. A salvadora da humanidade.

Parados em um grande recôncavo nas colinas baixas cobertas de grama marrom, os Aiel pareciam estátuas, ignorando as camadas de poeira levantadas pelas rajadas de vento. Naquela época do ano já deveria haver um espesso acúmulo de neve no chão, mas isso não os incomodava; nenhum deles jamais vira neve, e o tempo quente feito um forno, mesmo com o sol ainda a caminho de seu zênite, era mais fresco que o Deserto de onde vinham. Estavam todos atentos ao acrive mais ao sul, aguardando o sinal que anunciaria a chegada do destino dos Aiel Shaido.

Sevanna parecia calma como as outras, embora um círculo das Donzelas a deixasse em destaque, todas muito tranquilas, acomodadas de cócoras, os véus negros já encobrendo as faces, até os olhos. Sevanna também esperava, e com mais impaciência do que se permitia demonstrar, mas não a ponto de abandonar a compostura. Era a principal razão por que ela comandava e as outras obedeciam. Havia também o fato de que ela sabia as consequências de se recusar a permitir que hábitos ultrapassados e tradições antiquadas deixassem a pessoa de mãos atadas.

Um leve tremeluzir de seus olhos verdes para a esquerda revelou doze homens e uma mulher, cada um com um broquel redondo de couro de boi e três ou quatro lanças curtas, usando os *cadin'sor* cinza e marrons que se mesclavam bem ao terreno, tal e qual na Terra da Trindade. Efalín, com os cabelos curtos e grisalhos encobertos pela *shoufa* que envolvia a cabeça, às vezes olhava na direção de Sevanna; se alguma Donzela da Lança jamais havia mostrado inquietação, era Efalín. Algumas Donzelas Shaido tinham rumado para o sul, juntando-se aos idiotas pulando ao redor de Rand al'Thor, e Sevanna não duvidava de que as outras comentassem a respeito. Efalín devia se perguntar se fornecer uma escolta de Donzelas a Sevanna, como se ela algum dia tivesse sido *Far Dareis Mai*, seria o bastante para equilibrar isso. Pelo menos Efalín sabia muito bem onde estava o verdadeiro poder.

Os homens, assim como Efalín, lideravam sociedades guerreiras dos Shaido e observavam uns aos outros entre as olhadelas que dispensavam ao acrive. Sobre o tronco Maeric, que era *Seia Doon*, e Bendhuin, com aquele rosto cheio de cicatrizes, que era dos *Far Aldazar Din*. Depois daquele dia, nada mais

impediria que os Shaido enviassem um homem a Rhuidean para ser marcado como chefe do clã, se sobrevivesse. Até que isso acontecesse, Sevanna falava como chefe do clã, posto que era viúva do último chefe. Dos *dois últimos* chefes. E que morressem engasgados os que sussurravam que ela dava azar.

Os braceletes de ouro de marfim tilintaram de leve quando Sevanna ajustou o xale escuro por cima dos braços e arrumou os colares, a maioria também de ouro e marfim. Mas um dos colares era um bloco de pérolas e rubis que pertencera a uma nobre aguacenta — a mulher agora usava branco e andava de cima a baixo com os outros *gai'shain*, nas montanhas chamadas Adaga do Fratricida —, adornado com um rubi do tamanho de um ovo de galinha pequeno, que pendia aninhado entre os seios. Os aguacentos tinham prendas suntuosas. Uma esmeralda enorme em seu dedo transformava a luz do sol em fogo verde; anéis nos dedos eram um costume dos aguacentos, e Sevanna não ligava para as frequentes encaradas por adotá-los. Teria outros, se encontrasse mais algum tão magnífico quanto aquele.

Os homens quase todos achava que Maeric ou Bendhuin seria o primeiro a receber permissão das Sábias para tentar ir a Rhuidean. Naquele grupo, apenas Efallin suspeitava que nenhum dos dois seria o escolhido, e apenas suspeitava — a mulher também era astuta o bastante para revelar suas suspeitas com cautela, e apenas a Sevanna. A mente dos outros não abarcaria a possibilidade de alterar o costume antigo, e, na verdade, por mais que Sevanna estivesse impaciente para assumir o novo, também estava ciente de que deveria conduzir a mudança bem devagar. Muitos dos costumes antigos já tinham mudado, desde que os Shaido cruzaram a Muralha do Dragão até as terras aguacentas — ainda aguacentas, se comparadas à Terra da Trindade —, mas ainda haveria mais mudanças. Depois que Rand al'Thor estivesse em suas mãos, depois que estivesse casada com o *Car'a'carn*, o chefe dos chefes dos Aiel — essa bobagem de Dragão Renascido era besteira dos aguacentos —, haveria uma nova forma de denominar os chefes de clã e também os chefes de ramo. Talvez até as lideranças das sociedades guerreiras. Rand al'Thor nomearia todos. Apontando sempre para onde ela mandasse, claro. E seria apenas o início. Teriam o costume aguacento de passar as graduações a seus filhos, e aos filhos dos filhos, por exemplo.

O vento soprou mais alto por um instante, para o sul. Encobriria o som dos cavalos e carroções dos aguacentos.

Sevanna remexeu o xale outra vez, contendo uma careta. Não podia aparentar nervosismo, custasse o que custasse. Uma olhadela para a direita estancou a preocupação incipiente. Mais de duzentas Sábias dos Shaido estavam reunidas

ali, e pelo menos algumas decerto a estariam vigiando feito abutres, mas todas mantinham os olhos na encosta. Mais de uma ajeitava o xale, inquieta, ou alisava as saias pesadas. Sevanna contorceu o lábio. Suor escorria de alguns daqueles rostos. Suor! Onde estava a honra delas, demonstrando nervosismo diante de todos aqueles olhos?

Todos se empertigaram de leve quando um jovem *Sovin Nai* surgiu logo acima, baixando o véu enquanto descia. O homem foi direto até Sevanna, como era adequado, mas, para a sua irritação, ergueu a voz o bastante para que todos ouvissem.

— Um dos batedores adiante escapou. Estava ferido, mas ainda a cavalo.

Os líderes das sociedades já estavam se mexendo antes mesmo que o homem concluísse a fala. Aquilo era inaceitável. Os homens liderariam as lutas de fato — Sevanna nunca fizera mais que segurar uma lança na vida —, mas ela não os deixaria esquecerem quem era, nem por um instante.

— Todas as lanças contra eles — ordenou, em voz alta —, antes que consigam se preparar.

Os homens a circundaram em um só grupo.

— Toda as lanças? — inquiriu Bendhuin, incrédulo. — Quer dizer, exceto pelo grupo da dianteira...

Maeric, de cara fechada, pronunciou-se por cima dele:

— Se ficarmos sem reserva, podemos ser...

Sevanna interrompeu os dois:

— Todas as lanças! É contra Aes Sedai que estamos dançando. Temos que dominá-las imediatamente!

Efalin e quase todos os outros eram treinados para manter as feições impassíveis, mas Bendhuin e Maeric franziram o sobrolho, prontos para discutir. Idiotas. Estavam enfrentando umas poucas dezenas de Aes Sedai e umas poucas centenas de soldados aguacentos, mas, mesmo com os mais de quarenta mil *al-gai'd'siswai* que insistiram em chamar, ainda queriam batedores na dianteira e lanças de reserva, como se enfrentassem outros Aiel ou um verdadeiro exército de aguacentos.

— Eu falo como chefe do clã dos Shaido. — Sevanna não devia ter que dizer isso, mas um lembrete não faria mal. — Os inimigos são poucos. — Ela pesava todas as palavras com desprezo. — Podem ser derrubados, se as lanças forem ágeis. Vocês estavam prontos para vingar Desaine hoje de manhã. É medo esse cheiro que sinto agora? Medo de *uns aguacentos*? Os Shaido perderam a honra?

Aquilo fez os rostos dos líderes empedernirem, como era a intenção. Até os olhos cinzentos de Efalin reluziam feito pedras preciosas polidas enquanto ela

cobria o rosto com o véu. A mulher remexeu os dedos, na linguagem de sinais das Donzelas, e, quando os líderes das sociedades subiram a encosta a toda, as Donzelas que circundavam Sevanna foram atrás. Não era *aquilo* que Sevanna planejara, mas pelo menos as lanças estavam se movendo. Mesmo do ponto mais fundo do recôncavo, dava para ver o que parecia o chão nu vomitando silhuetas vestidas em *cadin'sor*, todas disparando para o sul com suas passadas compridas, mais ligeiras que as dos cavalos. Não havia tempo a perder. Pensando na conversa que teria com Efaín mais tarde, Sevanna virou-se para as Sábias.

Tinham sido escolhidas entre as Sábias mais fortes dos Shaido capazes de manejar o Poder Único, seis ou sete para cada Aes Sedai junto de Rand al'Thor, mas ainda assim Sevanna via dúvida em seus olhares. As mulheres tentavam disfarçar a incerteza por trás de rostos empedernidos, mas a dúvida estava lá, nos olhos que se remexiam, nas línguas que umedeciam os lábios. Muitas tradições tinham caído por terra, tradições antigas e fortes como a lei. As Sábias não tomavam parte em batalhas. As Sábias guardavam distância das Aes Sedai. Conheciam as histórias antigas, os contos de que os Aiel tinham sido mandados para a Terra da Trindade por terem falhado com as Aes Sedai, que seriam destruídos se falhassem com elas outra vez. Tinham ouvido as histórias, o que Rand al'Thor alegara diante de todos — tinham ouvido que, enquanto serviam às Aes Sedai, os Aiel tinham jurado nunca cometer um ato de violência.

Em outros tempo, Sevanna tivera certeza de que aquelas histórias eram mentira. Ultimamente, no entanto, acreditava que as Sábias tomassem aquilo como verdade. Nenhuma lhe dissera isso, claro. Não interessava. Ela própria jamais fizera as duas jornadas a Rhuidean necessárias para se tornar Sábica, mas mesmo assim tinha sido aceita, por mais relutância que algumas tivessem demonstrado. Agora, as Sábias não tinham escolha a não ser aceitá-la. As tradições inúteis serviriam de base para entalhar novas.

— Aes Sedai — começou, baixinho. As Sábias se inclinaram em sua direção, em um clangor mudo de braceletes e colares, para ouvir as palavras baixas. — Elas detêm Rand al'Thor, o *Car'a'carn*. Temos de tomá-lo de volta.

Notou algumas carrancas isoladas. A maioria acreditava que Sevanna queria o *Car'a'carn* resgatado vivo para vingar a morte de Couladin, seu segundo marido. Entendiam a questão, mas não teriam ido até lá por conta disso.

— Aes Sedai — repetiu Sevanna, em um sibilo irritado. — Nós mantivemos a nossa promessa, mas elas quebraram a delas. Nós não violamos nada, mas elas violaram tudo. Vocês sabem como Desaine foi morta. — Naturalmente, todas sabiam. Os olhos que a observavam de súbito ficaram mais penetrantes. Matar

uma Sábia era tão grave quanto matar uma grávida, uma criança ou um ferreiro. Alguém daqueles olhos estavam *muito* penetrantes. Os de Therava, os de Rhiale, de outras... — Se permitirmos que essas mulheres escapem ilesas, *nós* é que seremos piores que animais, *nós* é que não teremos honra. *Eu* mantenho a minha honra.

Assim, Sevanna segurou as saias com dignidade e subiu a encosta de cabeça erguida, sem olhar para trás. Tinha certeza de que as outras iriam segui-la. Therava, Norlea e Dailin garantiriam isso, assim como Rhiale, Tion e Meira e o restante das que a haviam acompanhado uns dias antes, para ver Rand al'Thor espancado e enfiado em um baú de madeira guardado pelas Aes Sedai. O lembrete tinha sido mais para aquelas treze que para as outras, e aquelas treze não ousariam decepcioná-la. A verdade sobre a morte de Desaine as prendia a Sevanna.

Por mais depressa que corresse, Sábias segurando as saias erguidas para manter os pés livres não podiam manter o ritmo dos *algai'd'siswai* em seus *cadin'sor*, embora fossem muito rápidas. Cinco milhas daquelas colinas ondulantes, uma corrida pequena, e chegaram ao cume, onde viram que a dança das lanças já tinha começado. Pelo menos de certo modo.

Milhares de *algai'd'siswai* formavam uma imensa poça de véus cinza e marrons avançando ao redor de um círculo de carroções dos aguacentos, que rodeavam um dos pequenos aglomerados de árvores que pontilhavam a região. Sevanna soltou um suspiro irritado. As Aes Sedai tinham tido tempo até mesmo de esconder todos os cavalos entre as árvores. As lanças circundavam os carroções, pressionando seus ocupantes, cobrindo os oponentes de flechas, mas os Aiel na frente pareciam empurrar uma muralha invisível. De início, as flechas que descreviam uma curva arqueada mais alta passavam por cima dessa muralha, até que também começaram a acertar uma barreira invisível e quicar de volta. Um murmúrio baixo se elevou entre as Sábias.

— Estão vendo o que as Aes Sedai fazem? — inquiriu Sevanna, como se também pudesse ver a tessitura do Poder.

Teve vontade de fazer uma careta de desprezo. As Aes Sedai eram tolas, alardeando seus Três Juramentos. Quando por fim decidissem que precisavam usar o Poder Único como arma, em vez de simplesmente para erguer barreiras, seria tarde demais. Contanto que as Sábias não ficassem muito tempo olhando. Rand al'Thor estava em algum lugar daqueles carroções, talvez ainda espremido dentro de um baú, feito um rolo de seda. Esperando que Sevanna o resgatasse. Se as Aes Sedai podiam dominá-lo, ela também poderia, com ajuda das Sábias. E com uma promessa.

— Therava, leve sua metade para o oeste. Fique pronta para atacar quando eu atacar — comandou a líder dos Shaido. — Por Desaine e pela *toh* que as Aes Sedai devem a nós. Vamos fazê-las cumprir a *toh* como ninguém jamais fez.

Era uma tolice falar em fazer alguém cumprir uma obrigação que não havia reconhecido, mas, nos murmúrios nervosos das outras mulheres, Sevanna ouviu outras promessas furiosas de fazer as Aes Sedai cumprirem sua *toh*. Só as que haviam matado Desaine por ordem de Sevanna é que ficaram em silêncio. Os lábios finos de Therava se apertaram de leve, mas ela enfim disse:

— Será como quiser, Sevanna.

Avançando a um trote tranquilo, Sevanna conduziu sua metade das Sábias para o lado leste da batalha, se é que podia já ser chamada assim. Queria permanecer em uma encosta onde pudesse ter boa visão — era assim que um chefe de clã dirigia a dança das lanças —, mas, nesse aspecto, não encontrou apoio nem de Therava, nem das outras que compartilhavam o segredo sobre a morte de Desaine. As Sábias nas fileiras faziam forte contraste com os *algai'd'siswai*; usavam suas blusas de *algode*, suas saias, seus xales de lã escura, seus braceletes e colares cintilantes e seus cabelos até a cintura presos por lenços escuros dobrados. Apesar da decisão de que, se fosse para estarem na dança das lanças, estariam no meio, não em uma encosta afastada, Sevanna não acreditava que aquelas mulheres já tivessem percebido que a verdadeira batalha daquele dia era delas. Depois daquela luta, nada seria igual, e amarrar Rand al'Thor seria a menor parte das mudanças.

Entre os *algai'd'siswai* que encaravam os carroções, apenas a altura permitia distinguir homens de Donzelas. Véus e *shoufa* escondiam cabeças e rostos, e *cadin'sor* eram *cadin'sor*, a despeito das diferenças de corte que marcavam cada clã, ramo e sociedade. Os que estavam fora do círculo pareciam confusos, resmungando entre si enquanto esperavam que algo acontecesse. Tinham ido preparados para dançar com os raios das Aes Sedai, mas apenas aguardavam, impacientes, afastados demais até para usar os arcos de chifre, ainda guardados nos estojos de couro às costas. Não teriam que esperar muito tempo mais, se Sevanna conseguisse o que queria.

Com as mãos na cintura, ela dirigiu-se às outras Sábias.

— As que estiverem a sul de mim vão interromper o que as Aes Sedai estão fazendo. As ao norte, vão atacar. Avante com as lanças!

Dado o comando, Sevanna se virou para observar a destruição das Aes Sedai, que pensavam ter apenas aço para enfrentar.

Nada aconteceu. À sua frente ebulia a massa de *algai'd'siswai*, inútil, e o som mais alto eram as ocasionais batidas das lanças nos broquéis. Sevanna reuniu sua

fúria, envolvendo-a feito a trama de um carretel. Tivera tanta certeza de que as Sábias estavam prontas, depois daquela exibição do corpo retalhado de Desaine, mas, se elas ainda acreditavam ser impensável atacar uma Aes Sedai, Sevanna teriam ensiná-las na marra, nem que tivesse de envergonhar a todas até que passassem a exigir usar o branco dos *gai'shain*.

De súbito, uma bola de puro fogo, do tamanho da cabeça de um homem, elevou-se em arco em direção aos carroções, chiando e crepitando, depois outra, então dezenas de outras. O grupo ao redor dela se dispersou. Mais bolas de fogo vieram do oeste, de Therava e das outras. Fumaça começou a se erguer dos carroções em chamas, primeiro em pequenas colunas cinzentas, depois em pilares grossos e negros. Os murmúrios dos *algai'd'siswai* mudaram de tom, e, ainda que imediatamente à frente dela os homens se movessem pouco, havia uma sensação súbita de que era hora de avançar. Gritos irrompiam dos carroções, homens urrando de raiva e gemendo de dor. Fossem quais fossem as barreiras das Aes Sedai, tinham sido derrubadas. Tinha começado, e só poderia haver um fim. Rand al'Thor seria dela e lhe entregaria os Aiel para tomar todas as terras aguacentas. E, antes de morrer, ele lhe daria filhos e filhas para liderar os Aiel depois dela. Sevanna poderia até gostar ; era um homem muito bonito, na verdade, bem forte e jovem.

Não esperava que as Aes Sedai sucumbissem sem dificuldade, e não foi o caso. Bolas de fogo caíam entre as lanças, transformando as silhuetas de *cadin'sor* em tochas, e raios desciam de um céu límpido, arremessando homens e terra pelo ar. Porém, as Sábias ou aprendiam com o que viam ou talvez já soubessem, mas estivessem hesitantes; a maioria canalizava tão raramente, sobretudo diante de alguém além das Sábias, que apenas outra Sábica sabia se determinada mulher era ou não capaz de canalizar. Fosse qual fosse o motivo, assim que os raios começaram a cair entre as lanças Shaido, outros raios acertaram os carroções.

Nem todos atingiam o alvo. Bolas de fogo traçavam o céu, algumas já maiores que cavalos, raios prateados golpeavam o chão feito lanças dos céus, às vezes de súbito ricocheteando para o lado, como se acertassem um escudo invisível, ou estourando no ar com violência, ou simplesmente desaparecendo por completo. Estrondos e estampidos enchiam o ar, entremeados de urros e gritos. Sevanna encarou o céu, em regozijo. Parecia uma apresentação dos Iluminadores, sobre as quais ela apenas lera a respeito.

De súbito o mundo embranqueceu diante de seus olhos. Sevanna parecia flutuar. Quando conseguiu enxergar outra vez, estava estirada no chão a doze passadas de distância, sentindo dor em cada músculo, respirando com

dificuldade e coberta de terra. O cabelo parecia querer sair voando. Outras Sábias também estavam abatidas, paradas em volta de um buraco tosco de uma braça de comprimento que fora aberto no chão, e finos filetes de fumaça se elevavam dos vestidos de algumas. Nem todas tinham caído, e a batalha de luz e fogo ainda prosseguia no céu, porém muitas estavam no chão. Sevanna tinha que mandá-las de volta para a dança.

Forçando-se a respirar, a líder se levantou, cambaleante, sem se dar ao trabalho de espanar a poeira da roupa.

— Avancem as lanças! — gritou.

Agarrou os ombros pontudos de Estalaine e começou a puxar a mulher para se levantar, mas os olhos azuis embotados a fizeram perceber que ela estava morta, então a largou de volta no chão. Ergueu Doraila, atônita, depois apanhou a lança de um Andarilho do Trovão caído e a sacudiu bem alto, gritando:

— Avante com as lanças!

Algumas das Sábias pareceram interpretá-la ao pé da letra, arrastando-se até o meio da massa de *algai'd'siswai*. Outras mantiveram a cabeça no lugar, ajudando as que podiam a se levantar, e a tempestade de fogo e raios prosseguiu enquanto Sevanna cruzava a fileira de Sábias de um extremo a outro, enfurecida, brandindo a lança e gritando:

— Avancem as lanças! Avante as lanças!

Queria rir, então de fato riu. Jamais se sentira tão alegre, coberta de poeira e com a batalha em pleno ardor. Quase desejou ter escolhido se tornar Donzela da Lança. Quase. Nenhuma *Far Dareis Mai* jamais poderia ser chefe de clã, bem como um homem não podia ser uma Sábia; o caminho de uma Donzela para o poder era abrir mão da lança e tornar-se Sábia. Ao desposar um chefe de clã, Sevanna alcançara o poder em uma idade na qual mal deixavam uma Donzela empunhar uma lança ou uma aprendiz de Sábia ir buscar água. E, agora, tinha tudo: era Sábia e chefe de clã, embora ainda fosse levar um tempo para levar crédito pelo último título. Os títulos importavam pouco, contanto que tivesse poder... mas por que não ter ambos?

Um grito súbito a fez virar o corpo, e Sevanna ficou de queixo caído ao ver um lobo desgrenhado e cinzento rasgando a garganta de Dosera. Sem pensar, cravou a lança no flanco do animal. Ao mesmo tempo em que a fera se virava para abocanhar o cabo da lança, outro lobo da altura da cintura de Sevanna passou por ela, saltando, se lançando sobre as costas de um *algai'd'siswai*. Depois veio outro lobo, e mais outro, estraçalhando as figuras de *cadin'sor* por qualquer lado onde pousasse seu olhar.

A mulher foi tomada por um medo supersticioso enquanto recolhia a lança. As Aes Sedai tinham convocado os lobos para lutar! Não conseguia tirar o olho do lobo que matara. As Aes Sedai tinham... não. Não! Isso não podia mudar nada. Não permitiria que mudasse.

Por fim, conseguiu desviar os olhos. Mas, antes que pudesse gritar novas palavras de incentivo às Sábias, algo silenciou sua língua e a fez parar para olhar. Um bando de cavaleiros aguacentos, com placas peitorais e capacetes vermelhos, atacava os Aiel com espadas, desferindo golpes com lanças compridas, adentrando no meio dos *algai'd'siswai*. De onde tinham surgido?

Não percebeu que perguntara em voz alta, até que Rhiale respondeu:

— Eu tentei avisar, Sevanna, mas você não escutou. — A mulher de cabelos cor de fogo encarou a lança ensanguentada, cheia de nojo. Sábias não deveriam usar lanças. Sevanna apoiou a arma na dobra do cotovelo, num gesto ostentoso, da forma como vira os chefes fazerem, enquanto Rhiale prosseguia. — Os aguacentos atacaram do sul. Aguacentos e *siswai'aman*. — Rhiale impregnou a palavra de todo o desdém apropriado aos que intitulavam a si mesmos de Lanças do Dragão. — Donzelas também. E... e Sábias.

— Lutando? — inquiriu Sevanna, incrédula, antes de perceber como aquilo soara.

Se ela podia se livrar dos costumes decadentes, sem dúvida esse povo ao sul cegado pelo sol, essa gente que ainda se denominava Aiel, também poderia. No entanto, Sevanna não esperara por isso. Sem dúvida Sorilea os levara até lá; aquela velha lembrava Sevanna de um deslizamento de terra montanha abaixo, carregando tudo à frente.

— Temos que atacá-los imediatamente. Elas não terão Rand al'Thor! Nem vão arruinar nossa vingança por Desaine! — acrescentou, ao ver Rhiale arregalar os olhos.

— Elas são Sábias — retrucou Rhiale, em um tom inexpressivo.

Sevanna compreendeu, amargamente. Juntar-se à dança das lanças já era ruim o bastante, mas Sábias atacando Sábias era demais até para Rhiale. A mulher concordara que Desaine deveria morrer... de que outra forma as outras Sábias poderiam ser convencidas a atacar Aes Sedai, sem mencionar os *algai'd'siswai*? E o ataque era necessário para ter Rand al'Thor nas mãos dos Shaido, levando consigo todos os Aiel. Ainda assim, a coisa fora feita em segredo, rodeada de mulheres da mesma opinião. Aquilo seria diante de todos. Tolas e covardes, todas elas!

— Então lute contra os inimigos com quem consegue se forçar a lutar, Rhiale. — Sevanna cuspiu cada palavra com tanto escárnio quanto pôde, mas Rhiale

limitou-se a assentir, ajeitar o xale e dar outra olhadela para a lança no braço de Sevanna antes de retornar para o seu lugar na fileira.

Talvez houvesse uma forma de fazer as outras Sábias se mexerem primeiro... Era melhor atacar de surpresa, mas qualquer coisa era melhor do que aquelas mulheres arrancarem Rand al'Thor de suas mãos. O que não daria por uma mulher capaz de canalizar e obedecer a ordens sem empacar... O que não daria para estar em uma encosta, de onde pudesse avaliar o curso da batalha...

Com a lança a postos e um olhar cauteloso para os lobos — os que podia ver ou estavam matando homens e mulheres em *cadin'sor*, ou estavam mortos —, Sevanna retomou os gritos de encorajamento. Ao sul, caía mais fogo e raios por entre os Shaido do que antes, mas não parecia fazer diferença. A batalha, com suas explosões de chamas, terra e gente, continuava no mesmo ritmo.

— Avancem as lanças! — gritou, brandindo a arma. — Avancem as lanças!

Entre os *algai'd'siswai* que se reviravam, não havia como distinguir qualquer dos idiotas que tinham amarrado um pedaço de tecido vermelho na testa e se denominavam *siswai'aman*. Talvez fossem poucos para alterar o curso dos acontecimentos. Os bandos de aguacentos certamente pareciam ser poucos, em grupos bem espaçados. Enquanto ela observava, um foi pisoteado por homens e cavalos e atingido por lanças golpeantes.

— Avancem as lanças! Avancem as lanças!

Sua voz exultava. Ainda que as Aes Sedai convocassem dez mil lobos, ainda que Sorilea tivesse trazido mil Sábias e cem mil lanças, os Shaido emergiriam vitoriosos. Os Shaido e ela própria. Sevanna dos Shaido Jumai seria um nome lembrado para sempre.

De súbito, um baque oco irrompeu em meio ao estrondo da batalha. Parecia vir da direção dos carroções das Aes Sedai, mas nada indicava se fora causado por elas próprias ou pelas Sábias. Sevanna não gostava do que não podia compreender, mas não queria perguntar a Rhiale ou às outras e alardear sua ignorância e a carência da habilidade que todas as outras ali possuíam. Aquela ausência não teria nenhum peso entre as Sábias, mas outra coisa da qual Sevanna não gostava era que outras pessoas tivessem um poder que não possuía.

Um lampejo trêmulo de luz entre os *algai'd'siswai* e a sensação de algo se virando a fez olhar de soslaio. Mas, quando olhou, não havia nada. A sensação se repetiu: um lampejo de luz no canto do olho, então outro, e, quando olhou, não havia nada à vista. Eram muitas coisas que não compreendia.

Gritando palavras de incentivo, Sevanna encarou a fileira de Sábias dos Shaido. Algumas pareciam sujas e enlameadas, os lenços da cabeça tinham

desaparecido, deixando os longos cabelos soltos; as saias e blusas estavam cobertas de terra ou até rasgadas. Pelo menos dez jaziam estiradas em uma fileira, gemendo, e mais sete estavam imóveis, os xales cobrindo o rosto. As que estavam de pé eram as que interessavam. Rhiale e Alarys, com a fina cabeleira negra toda bagunçada. Someryn, que se habituara a usar a blusa com o laço solto, para exibir um decote ainda mais generoso que o da própria Sevanna, e Meiras, com seu rosto comprido ainda mais taciturno que de costume. A corpulenta Tion, e a magrela Belinde, e Modarra, tão alta como muitos homens.

Uma delas a informaria caso fizessem algo de novo. O segredo de Desaine as unia a Sevanna; mesmo para uma Sábua, essa revelação traria uma vida inteira de dor — e pior, de vergonha — tentando cumprir a *toh*, isso se ela não fosse simplesmente lançada nua no meio do nada para viver ou morrer como conseguisse, decerto para ser morta como uma besta por quem quer que a encontrasse. Ainda assim, Sevanna tinha certeza de que aquelas mulheres sentiam tanto prazer quanto as outras em ocultar coisas dela, coisas que as Sábias descobriam durante seu período como aprendizes e nas jornadas até Rhuidean. Teria que fazer algo a respeito, porém ficaria para mais tarde. Não exibiria fraqueza perguntando o que elas tinham feito no meio do confronto.

Voltando-se para a batalha, notou que o equilíbrio se alterava, e parecia a seu favor. Ao sul, bolas de fogo e raios de luz desabavam com mais força do que nunca, mas não diante dela, e não pareciam ir a oeste nem a norte. Quase todos os ataques lançados contra os carroções ainda falhavam em chegar ao chão com mais frequência do que acertavam, mas, mesmo assim, os esforços das Aes Sedai estavam se enfraquecendo. As mulheres aguacentas haviam sido forçadas a entrar na defensiva. Sevanna *estava ganhando!*

Enquanto aquele pensamento a arrebatava feito fogo puro, as Aes Sedai caíram em silêncio. Apenas a sul o fogo e os raios ainda caíam entre os *algai'd'siswai*. Sevanna abriu a boca para gritar vitória, então percebeu outro detalhe que a fez se calar: Conforme a fumaça dos carroções incendiados ia subindo, delineava a forma de um domo, até que se acumulou no topo, onde saía por um buraco no topo daquele tapume invisível.

Sevanna girou para confrontar a fileira de Sábias, mantendo uma expressão tão severa que várias recuaram, talvez também por causa da lança em sua mão. A mulher sabia que parecia prestes a usá-la — e estava mesmo.

— Por que é que vocês deixaram isso acontecer? — inquiriu, furiosa. — Por quê? Vocês tinham que impedir o que quer que elas tentassem fazer, não permitir que erguessem ainda mais barreiras!

Tion parecia prestes a vomitar, mas plantou os punhos nos largos quadris e encarou Sevanna bem nos olhos.

— Não foram as Aes Sedai.

— Não foram as Aes Sedai? — cuspiu Sevanna. — Então quem foi? As outras Sábias? Eu disse que era para atacar!

— Não foram mulheres — retrucou Rhiale, a voz falha. — Não foram... — Ela engoliu em seco, o rosto pálido.

Sevanna virou-se devagar para encarar o domo, só então lembrando-se de respirar outra vez. Algo se erguera pelo buraco por onde saía a fumaça. Um dos estandartes dos aguacentos. A fumaça não era densa o bastante para encobrir o estandarte por completo. Um tecido carmesim, com um disco metade branco e metade negro, as cores divididas por uma linha sinuosa, tal qual o pedaço de pano usado pelos *siswai'aman*. O estandarte de Rand al'Thor. Seria aquele homem forte a ponto de ter se libertado, derrotado todas as Aes Sedai e erguido aquilo? Só podia ser.

A tempestade ainda açoitava o domo, mas Sevanna ouviu murmúrios atrás de si. As mulheres estavam pensando em bater em retirada. Sempre soubera que o caminho mais fácil até o poder estava em conquistar homens que já o possuíssem, e já na infância tinha certeza de que nascera com as armas necessárias para isso. Suladric, chefe do clã dos Shaido, apaixonara-se quando Sevanna ainda tinha dezesseis anos, e, depois que o homem morreu, ela escolheu os substitutos mais prováveis. Tanto Muradin quanto Couladin acreditavam ter despertado o seu interesse, e, após o fracasso de Muradin em retornar de Rhuidéan, tal e qual o de tantos outros homens, Couladin ganhou um sorriso e convenceu-se de que a conquistara. No entanto, o poder de um chefe de clã era fraco frente ao poder do *Car'a'carn*, e mesmo isso não era nada comparado ao que Sevanna via diante de si. Ela tremia como se tivesse visto o homem mais bonito que podia imaginar na tenda de vapor. Quando tivesse Rand al'Thor, conquistaria o mundo inteiro.

— Avancem! — ordenou. — Adiante! Vamos esmagar essas Aes Sedai, por Desaine!

E ela teria Rand al'Thor.

De súbito, ouviu-se um estrondo na dianteira da batalha: homens gritando, berrando. Sevanna praguejou, incomodada por não conseguir ver o que acontecia. Gritou outra vez para que as Sábias forçassem mais, mas parecia que as chamas e os raios lançadas contra o domo apenas diminuía. Então ela pôde ver mais outra coisa.

Junto aos carroções, figuras de *cadin'sor* e montes de terra subiram pelo ar com um baque estrondoso — e não em um ponto só; uma longa fileira irrompeu pelos ares. Mais uma vez, o chão explodiu, então de novo e de novo, cada vez um pouco mais longe dos carroções circundados. Não era uma fileira, mas sim um anel de explosões de terra, homens e Donzelas, e Sevanna não tinha dúvida de que o efeito envolvia todo o perímetro em torno dos carroções. Então de novo, de novo e de novo, sempre se expandindo, até que de repente os *algai'd'siswai* passavam correndo por ela, abrindo caminho pela fileira de Sábias, em disparada.

Sevanna os golpeava com a lança, açoitando cabeças e ombros, sem se importar quando a ponta afiada voltou mais vermelha do que antes.

— Fiquem e lutem! Fiquem, pela honra dos Shaído! — As figuras continuavam correndo, sem lhe dar atenção. — Vocês não têm honra! Fiquem e lutem!

Sevanna golpeou as costas de uma Donzela que fugia, mas a turba simplesmente passou correndo por cima da mulher caída. De súbito, percebeu que algumas das Sábias tinham ido embora, e outras estavam recolhendo os feridos. Rhiale virou-se para correr, mas Sevanna agarrou-a pelo braço e a ameaçou com a lança. Não se importava se Rhiale podia canalizar. — Temos que ficar! Ainda podemos ficar com ele!

O rosto da Sábia era uma máscara de medo.

— Se ficarmos, vamos morrer! — retrucou. — Ou vamos acabar acorrentadas no lado de fora da tenda de Rand al'Thor! Fique e morra se quiser, Sevanna. Eu não sou nenhum Cão de Pedra! — Ela se desvencilhou das mãos da líder e correu, ligeira, para o leste.

Sevanna permaneceu ali por mais uns instantes, deixando que os homens e as Donzelas a empurrassem de um lado a outro enquanto corriam, em pânico. Então atirou a lança para longe e tateou a bolsa do cinto, onde guardava um pequeno cubo de pedra com entalhes intrincados. Que bom que hesitara em jogá-lo fora. Ainda tinha outra corda para seu arco. Agarrou a barra das saias para desnudar as pernas e juntou-se à fuga caótica; no entanto, ainda que todo o resto fugisse, aterrorizado, ela corria com um redemoinho de planos na cabeça. *Ainda teria* Rand al'Thor ajoelhado a seus pés, e as Aes Sedai também.

Alviarin enfim deixou os aposentos de Elaida, o semblante calmo e contido como sempre. Por dentro, sentia-se retorcida feito um pedaço de pano molhado. Conseguiu descer a passos firmes o longo lance de escadas em curva, feito de mármore até o topo. Serviçais uniformizados curvavam-se em medidas e reverências

enquanto se apressavam para fazer suas tarefas, vendo apenas a Curadora em toda a sua serenidade de Aes Sedai. À medida que descia, começaram a aparecer irmãs, muitas usando os xales com franjas nas cores de suas Ajahs, como se para enfatizar por formalidade que *eram* irmãs plenas. Todas a olhavam quando passava, porém com frequência um olhar constrangido. A única a ignorá-la foi Danelle, uma irmã Marrom imersa em seu próprio mundinho. A mulher tomara parte na queda de Sivan Sanche e na ascensão de Elaida, mas vivia perdida em pensamentos, uma solitária sem amigas, mesmo na própria Ajah, sempre meio alheia ao fato de ter sido deixada de lado. As outras estavam cientes até demais. Berisha, uma Cinza esguia de olhar duro, e Kera, com o cabelo claro e os olhos azuis que vez ou outra apareciam entre os tairenos, além da arrogância tão comum às Verdes, limitaram-se a lhe dispensar uma reverência. Norine quase fez a mesura, mas se conteve. A mulher de olhos grandes, por vezes quase tão sonhadora quanto Danelle, além de igualmente solitária, se ressentia de Alviarin: se era para a Curadora vir da Ajah Branca, Norine Dovarna achava que deveria ter sido ela própria.

Não era obrigatório prestar mesura em deferência à Curadora, não da parte de uma irmã, mas elas sem dúvida esperavam que Alviarin intercedesse com Elaida caso necessário. As outras limitavam-se a especular que ordens ela levava, se alguma irmã seria repreendida por qualquer falha aos olhos da Amyrlin. Nem as Vermelhas chegavam a cinco andares dos novos aposentos da Amyrlin sem serem convocadas, e mais de uma irmã se escondia sempre que Elaida descia. O próprio ar parecia quente, espesso, carregado com um medo que nada tinha a ver com rebeldes ou com homens canalizando.

Várias irmãs tentaram falar com ela, mas Alviarin passou ligeira, quase mal-educada, sem notar a preocupação que brotava nos olhos das outras frente à sua recusa em parar. Elaida enchia sua cabeça tanto quanto a das outras. Era uma mulher de muitas camadas. Um primeiro olhar revelava uma bela mulher, muito reservada e cheia de dignidade; o segundo, uma mulher de aço, dura como uma lâmina. Elaida pressionava onde os outros persuadiam, golpeava quando os outros tentavam a diplomacia ou o Jogo das Casas. Qualquer um notava sua inteligência, mas só depois de um tempo percebia que, apesar do cérebro, Elaida via o que queria ver e tentaria transformar em verdade o que desejava que de fato fosse verdade. Das duas verdades incontestes e assustadoras a respeito dessa Amyrlin, a menos relevante era a boa frequência com que ela conquistava o sucesso. E a mais importante era seu talento para a Previsão.

De tão errático e infrequente, era muito fácil de esquecer; fazia tanto tempo desde a última Previsão que a própria imprevisibilidade atingia a todos como um

raio. Ninguém podia dizer quando viria, nem a própria Elaida, e ninguém podia dizer o que seria revelado. Alviarin quase sentia a presença da mulher a acompanhando e observando.

Talvez ainda fosse preciso matá-la. Nesse caso, Elaida não seria a primeira que Alviarin teria matado em segredo. Mesmo assim, hesitava em dar um passo desses sem uma ordem expressa, ou pelo menos com permissão.

Adentrou os próprios aposentos com uma sensação de alívio, como se a sombra de Elaida não pudesse ultrapassar a soleira da porta. Pensamento idiota... Se a mulher tivesse a menor suspeita sobre a verdade, nem mil léguas poderiam afastá-la do pescoço de Alviarin. Elaida esperava que ela estivesse trabalhando duro, redigindo pessoalmente as ordens para a assinatura e o selo da Amyrlin. Porém, ainda restava decidir quais dessas ordens seriam de fato cumpridas. A decisão não cabia a Elaida, claro. Nem à própria Alviarin.

Os aposentos eram menores que os de Elaida, embora com pé direito mais alto e uma sacada que dava para a grande praça diante da Torre, a cem pés de altura. Às vezes Alviarin ia à sacada para ver Tar Valon, a maior cidade do mundo, se estendendo à sua frente, apinhada de incontáveis milhares de pessoas que valiam menos que peças num tabuleiro. O mobiliário do recinto era domanês, de madeira clara listrada, com entalhes de conchas de pérolas e âmbar, carpetes brilhantes com padronagens florais e de arabescos, tapeçarias ainda mais brilhantes de florestas, flores e cervos no pasto. Tudo pertencera à última ocupante daqueles aposentos, e, ainda que Alviarin tivesse preservado tudo daquela maneira por nenhuma razão além de não querer perder tempo escolhendo novos itens, também serviam para lembrá-la do preço do fracasso. Leane Sharif metera o nariz em tramoias e falhara, e agora tinha sido apartada do Poder Único para sempre, uma refugiada impotente que dependia de caridade, condenada a uma vida de penúria até que desse um fim à própria existência ou simplesmente se encostasse em um muro e se deixasse morrer. Alviarin ouvira falar de mulheres estancadas que tinham conseguido sobreviver, mas duvidaria até conhecer uma dessas mulheres. Mesmo que não tivesse o menor desejo de conhecê-las.

Via o brilho do início da tarde pelas janelas, mas, enquanto ainda estava no meio da sala de estar, a luz subitamente tornou-se um lusco-fusco. A escuridão não a surpreendeu. Ela se virou e se ajoelhou imediatamente.

— Grande Senhora, eu vivo para servir.

Uma mulher alta, toda feita de sombras escuras e luz prateada, estava parada diante dela. Mesaana.

— Conte o que aconteceu, criança. — A voz soava feito sinos de cristal.

De joelhos, Alviarin repetiu cada palavra que Elaida dissera, embora se perguntasse por que aquilo era necessário. No início, deixara de lado detalhes menos importantes, mas Mesaana sempre percebia e exigia *cada* palavra, cada gesto e expressão facial. Era evidente que a mulher bisbilhotava aqueles encontros. Alviarin tentara encontrar um sentido lógico, mas sem sucesso. No entanto, algumas coisas ainda seguiam a lógica.

Conhecera outros Escolhidos, que os tolos chamavam de Abandonados. Lanfear chegara a entrar na Torre, assim como Graendal, as duas imperiosas com sua força e conhecimento, deixando claro, sem precisar dizer uma só palavra, que Alviarin estava muito abaixo delas; que era uma serviçal, uma garota de recados que se contorcia de satisfação ao ouvir uma gentileza. Be'lal sequestrara Alviarin durante a noite, enquanto ela dormia — e a mulher ainda não sabia onde havia sido levada. Acordara na própria cama, o que a deixara ainda mais aterrorizada do que se de fato estivesse diante de um homem capaz de canalizar. Para Be'lal, ela era menos que um verme, menos que uma criatura viva; era uma mera peça do jogo, uma peça que ele movimentava como bem entendesse. Primeiro viera Ishamael, anos antes dos outros, arrancando-a da massa escondida da Ajah Negra para colocá-la na liderança.

Diante de cada um, Alviarin se ajoelhou, dizendo genuinamente que vivia para servir, obedecendo aos comandos, quaisquer que fossem. Afinal de contas, seus mestres estavam apenas um passo abaixo do próprio Grande Senhor das Trevas, e, se ela quisesse as recompensas por seu serviço, se almejasse a imortalidade que os Escolhidos pareciam já possuir, era melhor obedecer. Ela se ajoelhou diante de cada um, e apenas Mesaana aparecera com rosto não humano. A capa de sombra e luz só podia ter sido urdida com o Poder Único, mas Alviarin não conseguia enxergar tessitura. Sentira a força de Lanfear e Graendal, soubera desde o primeiro instante o quanto eram mais fortes do que ela com o Poder, mas em Mesaana sentira... nada. Como se a mulher nem sequer pudesse canalizar.

A lógica era clara e assombrosa. Mesaana se escondia porque poderia ser reconhecida. Devia residir na própria Torre. Parecia impossível. No entanto, nada mais se encaixava. Dito isso, devia ser uma das irmãs; sem dúvida não estava entre os serviçais, levando uma vida de trabalho e suor. Mas quem? Muitas mulheres tinham passado anos fora da Torre, antes das convocações de Elaida, e muitas outras não possuíam amigas próximas, por vezes amiga nenhuma. Mesaana só podia ser uma dessas. Alviarin queria muito saber. Mesmo que não servisse para nada, conhecimento era poder.

— Então nossa Elaida fez uma Previsão — entouu Mesaana, e a Curadora percebeu, de sobressalto, que chegara ao fim do relato. Os joelhos doíam, mas ela sabia que não valia a pena se levantar sem permissão. Um dedo escuro bateu pensativamente nos lábios prateados. Já vira alguma irmã fazer esse gesto? — Estranho que ela seja tão clara e tão errática ao mesmo tempo. A Previsão sempre foi um Talento raro, e a maioria das que o possuíam falava de modo que apenas os poetas compreendessem. Em geral, o mistério se mantinha até que fosse tarde demais. Depois, tudo sempre ficava muito claro. — Alviarin manteve o silêncio. Nenhum dos Escolhidos conversava; ou ordenavam, ou exigiam. — Previsões interessantes. As rebeldes destruídas... feito melão podre? Era isso?

— Não sei ao certo, Grande Senhora — respondeu, bem devagar. Será que fora isso? Mesaana, porém, apenas deu de ombros.

— Ou foi ou não foi, e em qualquer dos casos pode ser usado.

— Ela é perigosa, Grande Senhora. Seu Talento pode revelar o que não deve ser revelado.

Uma risada cristalina ressoou como resposta.

— Como o quê? Você? Suas irmãs da Ajah Negra? Ou talvez você esteja pensando em me proteger? Ah, você às vezes é uma boa garota, criança. — A voz era clara, suave e bem-humorada. Alviarin sentiu o rosto esquentar e torceu para que Mesaana enxergasse a vergonha, não a raiva. — Está sugerindo que devemos nos livrar da nossa Elaida, criança? Ah, acho que não é hora ainda. Ela ainda tem sua utilidade. Pelo menos até o jovem al'Thor chegar até nós, e muito provavelmente depois. Redija as ordens dela e garanta que sejam cumpridas. Vê-la entretida com esses joguinhos é mesmo divertido. Vocês, crianças, às vezes quase se equiparam às suas *ajah*. Será que ela vai conseguir mandar sequestrar o Rei de Illian e a Rainha de Saldaea? As Aes Sedais costumam fazer essas coisas, não é? Mas já faz uns dois mil anos. Quem é que vai ela tentar colocar no trono de Cairhien? Será que a oferta de ser rei de Tear vai sobrepujar o desgosto do Grão-lorde Darlin pelas Aes Sedai? Será que, antes disso, nossa Elaida vai morrer engasgada com a própria frustração? Uma pena que ela resista à ideia de um exército maior... Pensei que suas ambições a fariam agarrar essa possibilidade.

A conversa estava chegando ao fim — nunca durava mais que o tempo necessário para Alviarin dar o relatório e receber as próprias ordens —, mas ela ainda tinha uma pergunta a fazer.

— A Torre Negra, Grande Senhora...

Alviarin umedeceu os lábios. Aprendera muita coisa desde que Ishamael aparecera para ela, sobretudo que os Escolhidos não eram nem onipotentes, nem

oniscientes. Tinha sido elevada porque Ishamael matara sua predecessora, em um acesso de fúria, ao descobrir o que Jarna Malari iniciara, embora a coisa toda só tenha terminado dois anos depois, após a morte de outra Amyrlin. Alviarin sempre se perguntava se Elaida tivera parte na morte dessa outra, Sierin Vayu; a Ajah Negra sem dúvida não tivera. Jarna conseguira espremer Tamra Ospenya, a Amyrlin antes de Sierin, feito um cacho de uvas — no fim das contas, conseguiu pouco suco e ainda fizera parecer que a mulher tinha morrido durante o sono, mas Alviarin e as outras doze irmãs do Conselho Supremo tinham pagado com dor antes de conseguirem convencer Ishamael de que não tinham tido parte naquilo. Os Escolhidos não eram todo-poderosos nem sabiam de tudo, mas às vezes sabiam coisas de que ninguém mais sabia. No entanto, perguntar podia ser arriscado. Os “por quês” era os mais arriscados; os Escolhidos nunca gostavam que lhes fosse perguntado por quê.

— É seguro mandar cinquenta irmãs para lidar com elas, Grande Senhora?

Olhos reluzentes feito duas luas cheias a encararam em silêncio, e um arrepio subiu pela espinha de Alviarin. O destino de Jarna passou por sua mente como um raio. Publicamente Cinza, Jarna jamais demonstrara qualquer interesse nos *ter'angreal* para os quais ninguém conhecia uso — até o dia em que acabou presa na armadilha de um que ficara por séculos sem ser testado. A forma de ativação ainda permanecia um mistério. Por dez dias, ninguém conseguiu encontrá-la, apenas escutar seus gritos guturais. Quase todos na Torre consideravam Jarna um modelo de virtude; quando enterraram o pouco que conseguiram recuperar, todas as irmãs de Tar Valon e todos que puderam chegar à cidade a tempo compareceram ao funeral.

— Você é curiosa, criança — disse Mesaana, por fim. — Isso pode ser uma vantagem, se direcionado da maneira apropriada. Mas, se for um direcionamento errôneo... — A ameaça pairava no ar feito uma adaga reluzente.

— Vou direcionar a curiosidade como a senhora ordenar, Grande Senhora — respondeu Alviarin, num sussurro rouco. A boca estava seca feito pó. — Apenas como a senhora ordenar.

Porém, ainda iria garantir que nenhuma irmã Negra fosse com Toveine. Mesaana se moveu, assomando-se por cima dela, de modo que Alviarin teve que jogar a cabeça para trás para encarar o rosto de luz e sombra, e de súbito se perguntou se a Escolhida poderia ler seus pensamentos.

— Se for servir a mim, criança, então deve servir e obedecer a mim. Não a Semirhage ou Demandred. Não a Graendal, ou a ninguém mais. Apenas a mim. E ao Grande Senhor, claro, mas a mim acima de todos os outros, exceto por ele.

— Eu vivo para servi-la, Grande Senhora. — A frase saiu feito um coaxo, mas Alviarin conseguiu enfatizar a mudança de “servir” para “servi-la”.

Os olhos de prata a encararam por um longo instante, sem piscar. Então, Mesaana soltou:

— Bom. Então vou lhe ensinar. Mas lembre-se de que uma pupila não é uma professora. Eu escolho quem aprende o quê, e eu decido quando a pessoa pode utilizar o que aprendeu. Se descobrir que você passou adiante o menor pedacinho de informação que seja, ou que usou sequer um fio de aprendizado sem meu direcionamento, será exterminada.

Alviarin esforçou-se para umedecer a boca. Não havia raiva naqueles sibilos, apenas certeza.

— Eu vivo para servi-la, Grande Senhora. Vivo para obedecê-la, Grande Senhora. — Acabara de descobrir algo sobre os Escolhidos, algo que mal podia crer. Conhecimento era poder.

— Você tem um pouco de força, criança. Não é muito, mas é o bastante.

Uma trama surgiu, aparentemente do nada.

— Isso — entou Mesaana — se chama portão.

Pedron Niall grunhiu quando Morgase posicionou uma pedra branca no tabuleiro com um sorriso triunfal. Jogadores inferiores talvez ainda quisessem colocar mais vinte pedras cada um, mas ele já via o curso inevitável do jogo, e ela também. No início, a mulher de cabelos dourados sentada do lado oposto da mesinha jogara para perder, fazendo apenas o possível para que a derrota não fosse muito fácil e o jogo ficasse interessante. Mas ela não demorara para aprender que isso só levava à obliteração. Sem mencionar que Pedron era astuto o bastante para enxergar subterfúgios e não tolerar esse tipo de comportamento. Agora, Morgase empregava toda a sua habilidade no jogo e conseguia ganhar quase metade das partidas. Fazia uns bons anos que ninguém o derrotava com tanta frequência.

— O jogo é seu — declarou, e a Rainha de Andor assentiu.

Bem, ela pelo menos voltaria a ser Rainha; Niall garantiria isso. Naquele vestido de seda verde, com a gola alta de renda roçando o queixo, ela parecia mesmo rainha, sob todos os aspectos, apesar do brilho de suor na bochechas lisas. No entanto, mal parecia ter idade suficiente para ter uma filha da idade de Elyane, muito menos um filho da idade de Gawyn.

— Você não percebeu que vi a armadilha sendo preparada desde a sua trigésima terceira pedra, Lorde Niall, e tomou meu blefe com a quadragésima

terceira pedra como um verdadeiro ataque... — Os olhos azuis dela cintilavam de empolgação; Morgase gostava de ganhar. Gostava de jogar para ganhar.

Aquilo tudo era para envolvê-lo, sem dúvida, o jogo de pedras, a polidez... Morgase sabia que era prisioneira ali na Fortaleza da Luz, mesmo que não fosse chamada assim, mesmo sendo uma prisioneira bastante mimada. E secreta. Niall permitira que os boatos sobre a presença dela se espalhassem, mas não emitiu qualquer declaração. Andor tinha um histórico muito forte de oposição aos Filhos da Luz, e ele não anunciaria nada antes que as legiões se deslocassem até Andor, levando-a como emblema. Morgase sem dúvida também sabia disso. E decerto também sabia que Niall estava ciente de suas tentativas de abrandá-lo. O tratado que ela assinara dera direitos em Andor que os Filhos jamais tinham possuído em qualquer lugar para além de Amadícia, e Niall imaginava que a mulher já estava planejando como suavizar o peso da mão dele em suas terras, como remover a influência dessa mão o quanto antes. Morgase só assinara o tratado porque fora encurralada; e, mesmo assim, confinada nesse canto, lutara com a mesma habilidade com que manejava um tabuleiro de pedras. Apesar de linda, era uma mulher bem dura. Não, não era uma *mulher* dura, era dura e ponto final. Ela se deixava ser levada pelo puro prazer do jogo, mas Niall não podia considerar isso uma falha, se lhe concedia tantos momentos de prazer.

Se tivesse uns vinte anos a menos, talvez pudesse ter jogado mais do verdadeiro jogo dela. Longos anos de viuvez se estendiam atrás dele, e o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz tinha pouco tempo para gracejos com mulheres, pouco tempo para qualquer coisa além de *ser* o Senhor Capitão Comandante. Se fosse vinte anos mais jovem — bem, vinte e cinco —, e se Morgase não tivesse sido treinada pelas bruxas de Tar Valon... Era fácil esquecer isso, na presença dela. A Torre Branca era um antro de Sombra e iniquidade que a tocava profundamente. Rhadam Asunawa, o Grão-inquisidor, a teria julgado pelos meses na Torre Branca e a enforcado sem demora, se Niall permitisse. Ele soltou um suspiro pesaroso.

Morgase manteve o sorriso vitorioso, mas os grandes olhos perscrutavam seu rosto com uma inteligência que ela não podia esconder. Niall encheu os cálices dos dois com vinho do cântaro de prata que jazia em um baldinho de água fresca que pouco tempo antes era gelo.

— Milorde Niall... — A hesitação era perfeita, a mão esguia meio esticada sobre a mesa em sua direção, o grande respeito com que se dirigia a ele. Certa vez, Morgase o chamara apenas de Niall, mas com mais desprezo do que dispensaria a um criado bêbado. A hesitação teria sido perfeita, se ele não a percebesse

bem. — Milorde Niall, sem dúvida o senhor pode ordenar que Galad venha a Amador para que eu o veja. Só por um dia.

— Lamento muito que as obrigações de Galad o detenham no norte — respondeu o comandante, plácido. — Você deveria ficar orgulhosa; o rapaz é um dos melhores jovens oficiais dentre os Filhos.

Sempre que necessário, o enteado era uma vantagem sobre ela, e, no momento, o melhor uso para o rapaz era mantê-lo afastado. O jovem *era* um bom oficial, talvez o melhor a se juntar aos Filhos na época de Niall, e não havia necessidade de colocar amarras em seu juramento deixando que soubesse que a mãe estava ali e que só era considerada “hóspede” por cortesia.

Apenas um leve retesar de sua boca, desfeito bem depressa, denunciou sua decepção. Não era a primeira vez que ela fazia esse pedido, nem seria a última. Morgase Trakand não se rendia só porque estava claro que levaria a pior.

— Como quiser, milorde Niall — respondeu, tão mansa que ele quase se engasgou com o vinho. A submissão era uma tática nova, devia ter sido difícil para ela. — É coisa de mãe...

— Senhor Capitão Comandante? — irrompeu uma voz profunda e vibrante, porta adentro. — Receio ter notícias importantes que não podem esperar, Milorde.

O alto Abdel Omerna estava parado no tabardo branco e dourado do Senhor Capitão dos Filhos da Luz, o rosto atrevido emoldurado por cachos brancos na testa, os olhos escuros fundos e pensativos. Da cabeça aos pés, era destemido e autoritário. E um idiota, embora isso não ficasse aparente à primeira vista.

Morgase se retraiu ao ver Omerna, um movimento tão ínfimo que quase nenhum homem teria percebido. A mulher acreditava, como todos os outros, que ele era o espião-mestre dos Filhos, um homem quase tão temido quanto Asunawa, talvez mais. Nem o próprio Omerna sabia que ele não passava de um chamariz para desviar a atenção do verdadeiro mestre dos espíões, um homem que apenas o próprio Niall conhecia. Sebban Balwer, o secretáriozinho seco e magrela do Senhor Capitão Comandante. No entanto, chamariz ou não, de vez em quando algo útil de fato passava pelas mãos de Omerna. Em raras ocasiões, algo calamitoso. Niall não tinha dúvidas sobre o que o homem trouxera; nada que não o próprio Rand al'Thor nos portões o teria feito entrar daquele jeito, sem pedir licença. Quisera a Luz que fosse tudo loucura de algum mercador de tapetes.

— Temo que seja o fim do nosso jogo desta manhã — disse Niall a Morgase, enquanto se levantava. Dispensou uma leve mesura quando a mulher se levantou, à qual ela respondeu inclinando a cabeça.

— Até hoje à noite, talvez? — A voz dela ainda continha aquele tom quase dócil. — Quer dizer, se quiser jantar comigo?

Niall aceitou, claro. Não sabia onde a mulher pretendia chegar com aquela nova tática — aonde um parvo não suporia, isso era certo —, mas seria divertido descobrir. Morgase era cheia de surpresas. Pena que estivesse maculada pelas bruxas.

Omerna avançou até o grande raio de sol dourado no chão, já gasto por tantos pés e joelhos que tinham passado por ali ao longo dos séculos. Era um aposento simples, sem adornos fora o piso e os estandartes capturados enfileirados nas paredes altas, logo abaixo do teto, todos esfarrapados e gastos pelo tempo. Omerna observou a mulher sair sem jamais se dirigir a ele. Quando a porta enfim se fechou, ele disse:

— Ainda não encontrei Elayne nem Gawyn, milorde.

— É *essa* a sua notícia importante? — inquiriu Niall, irritado.

Balwer lhe informara que a filha de Morgase estava em Ebou Dar, ainda envolvida com as bruxas até o pescoço. Já enviara ordens a respeito dela para Jaichim Carridin. O outro filho de Morgase também ainda estava com as bruxas, e parecia que estava em Tar Valon, onde até Balwer possuía alguns olhos-e-ouvidos. Niall tomou um longo gole de vinho gelado. Andava sentindo os ossos velhos, frágeis e frios, mas aquele calor da Sombra fazia sua pele suar bastante e secava a boca.

Omerna levou um susto.

— Ah... não, milorde. — Ele remexeu um bolso do casaco de baixo e pegou um cilindro de osso diminuto com três listras vermelhas correndo ao longo. — O senhor queria que isso fosse trazido assim que o pombo chegasse ao...

Ele se calou quando Niall agarrou o tubo.

Era isso o que vinha aguardando, a razão pela qual ainda não mandara uma legião a caminho de Andor com Morgase na dianteira, quiçá liderando. Não fosse toda a loucura de Varadin, os desvarios de um homem desequilibrado por ver Tarabon colapsar em anarquia, Andor teria de esperar. Andor, e talvez mais.

— Eu... recebi a confirmação de que a Torre Branca está de fato cindida — prosseguiu Omerna. — A... Ajah Negra atacou Tar Valon.

Não era de se espantar que o homem soasse nervoso, proferindo tamanha heresia. Não existia Ajah Negra. Todas as bruxas eram Amigas das Trevas.

Niall o ignorou e usou o polegar para quebrar a cera que lacrava o tubo. Usara Balwer para começar esses rumores, e agora estavam de volta. Omerna acreditava em cada boato que chegava aos seus ouvidos — ouvidos que pescavam todos os boatos.

— E há informes de que as bruxas estão se reunindo com o falso Dragão al'Thor, milorde.

Claro que as bruxas estavam se reunindo! O maldito era criação delas, marionete delas! Niall calou o falatório daquele imbecil e voltou à mesa do jogo, onde removeu do tubo um rolinho fino de papel. Nunca deixava que soubessem mais a respeito dessas mensagens do que o fato de existirem, e poucos sabiam até mesmo isso. Suas mãos tremeram enquanto desenrolavam o papel fino. Suas mãos não tremiam desde que enfrentara a primeira batalha, quando garoto, havia mais de setenta anos. Essas mãos agora pareciam pouco mais que ossos e músculos, mas ainda possuíam força suficiente para o que precisava ser feito.

A caligrafia não era de Varadin, e sim de Faisar, enviado a Tarabon com um objetivo diferente. Enquanto lia, o estômago de Niall se revirou em um nó. Estava em linguagem clara, não no criptograma de Varadin. Os informes de Varadin pareciam vir de um homem à beira da loucura, se não já tomado por ela, mas Faisar confirmava o pior e mais. Muito mais. Al'Thor era uma fera enraivecida, um destruidor que precisava ser detido, mas um segundo animal ensandecido aparecera, um que poderia ser até mais perigoso que as bruxas de Tar Valon com seu falso Dragão domesticado. Mas como, sob a Luz, poderia combater ambos?

— É... parece que a Rainha Tenobia saiu de Saldaea, milorde. E os... os Devotos do Dragão estão incendiando e matando por toda Altara e Murandy. Ouvei falar que a Trombeta de Valere foi encontrada em Kandor.

Ainda meio distraído, Niall ergueu o olhar e notou Omerna a seu lado, lambendo os lábios e enxugando suor da testa com o dorso da mão. Sem dúvida esperava conseguir uma olhadela no conteúdo da mensagem. Bem, dentro em breve todos saberiam.

— Parece que uma das suas fantasias loucas não é tão louca assim, ao final das contas — comentou Niall, e foi quando sentiu a faca entrar em suas costelas.

O choque o congelou por tempo suficiente para que Omerna puxasse a adaga e a cravasse nele outra vez. Outros Senhores Capitães Comandantes tinham morrido dessa maneira antes dele, mas Niall jamais imaginara que seria pelas mãos de Omerna. Tentou lutar contra o assassino, mas não tinha força nos braços. Debruçou-se por sobre Omerna, que o segurava, os dois se encarando, olho no olho.

Omerna estava com o rosto vermelho; parecia prestes a chorar.

— Precisava ser feito. Precisava. O senhor deixou as bruxas se assentarem em Salidar, livres e desimpedidas, e...

Como se de súbito percebesse que abraçava o homem que estava matando, Omerna deu um empurrão em Niall.

A força se esvaíra das pernas do Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz, e também de seus braços. Niall caiu pesadamente por sobre a mesa de jogos, derrubando-a. Pedras brancas e pretas se espalharam por sobre o chão de madeira polida; o cântaro de prata caiu, derramando vinho. O frio em seus ossos começava a se espalhar pelo corpo.

Niall não sabia se o tempo ficara mais lento, ou se tudo de fato acontecera muito depressa. Botas ressoaram pelo chão, e ele ergueu a cabeça, cansado, e viu Omerna boquiaberto e de olhos esbugalhados, afastando-se de Eamon Valda. O homem, com um porte tão similar ao de Senhor Capitão quanto Omerna, usando o tabardo branco e dourado e um casaco de baixo branco, não era tão alto nem tão claramente autoritário, mas seu rosto escuro era rígido como sempre, e Valda trazia uma espada nas mãos — a marca da garça na lâmina que ele prezava tanto.

— Traidor! — gritou Valda, cravando a espada no peito de Omerna.

Niall teria rido, se pudesse. Era difícil respirar, e já ouvia as borbulhas de ar no sangue em sua garganta. Nunca gostara muito de Valda — a bem da verdade, desprezava o sujeito —, mas alguém precisava saber. Moveu os olhos, encontrou a folha de papel de Tanchico caída perto de sua mão. Ali no chão, poderia passar despercebida... mas não com seu cadáver agarrado a ela. E a mensagem precisava ser lida. A mão foi se arrastando pelas tábuas do assoalho muito lentamente, roçando o papel, empurrando-o, enquanto se debatia para agarrá-lo. A visão estava ficando embaçada. Tentou se forçar a enxergar. Tinha que... a névoa estava mais forte. Parte dele tentava afastar o pensamento; não havia névoa. A névoa estava mais forte, e havia um inimigo lá fora, um inimigo invisível, escondido, tão perigoso quanto al'Thor, ou mais. A mensagem... O quê? Que mensagem? Era hora de montar e desembainhar as espadas, hora de um último ataque. Pela Luz, vencer ou morrer, ele estava a caminho! Tentou grunhir.

Valda limpou a lâmina no tabardo de Omerna, então de súbito percebeu que o lobo velho ainda respirava, um som rascante e borbulhante. Fazendo uma careta, ele vergou o corpo para concluir a tarefa — e uma mão magra e de dedos longos agarrou-lhe o braço.

— Você seria Senhor Capitão Comandante agora, meu filho? — O rosto macilento de Asunawa pertencia a um mártir; no entanto, seus olhos escuros ardiam com um fervor de enervar até os que não sabiam quem ele era. — Pode muito bem ser, depois que eu atestar que matou o assassino de Pedron Niall. Mas não se eu disser que ajudou a retalhar a garganta de Niall.

Com os dentes arreganhados numa espécie de sorriso, Valda se aprumou. Asunawa tinha amor à verdade, um amor estranho... podia dar voltas e voltas com ela, feito nós em um barbante, ou erguê-la e torturá-la com açoites. Mas, até onde Valda sabia, nunca mentia de fato. Um olhar para os olhos embotados de Niall e a poça de sangue que se espalhava sob seu corpo deixou Valda satisfeito. O velho estava morrendo.

— Posso, Asunawa?

O olhar do Grão-inquisidor ardeu mais intensamente quando ele deu um passo atrás, afastando o manto branco feito neve da poça de sangue de Niall. Nem mesmo um Senhor Capitão deveria agir com tamanha intimidade.

— Eu disse que pode, meu filho. Você teve uma estranha relutância em concordar que a bruxa Morgase deve ser entregue à Mão da Luz. A não ser que dê essa garantia...

— Morgase ainda é necessária.

Interrompê-lo trouxe a Valda um prazer considerável. Não gostava dos Questionadores. A Mão da Luz, como se denominavam. Quem poderia gostar de homens que só enfrentavam inimigos desarmados e acorrentados? E o grupo se mantinha apartados dos Filhos, separado... O manto de Asunawa ostentava apenas o cajado de pastor escarlate dos Questionadores, não o sol dourado e flamejante dos Filhos, que ornava o tabardo de Valda. E, pior, pareciam pensar que seu trabalho com rodas de tortura e ferros era o único verdadeiro feito dos Filhos.

— Morgase nos garante Andor, então você não pode tê-la antes de termos Andor. E não podemos tomar Andor antes que as turbas do Profeta sejam esmagadas. — O Profeta deveria ser o primeiro, por pregar o retorno do Dragão Renascido, as turbas incendiando aldeias que demoravam demais para aclamar al'Thor. O peito de Niall já quase não se mexia. — A não ser que queira trocar Amadícia por Andor, em vez de ocupar as duas? Pretendo ver al'Thor enforcado, e a Torre Branca, reduzida a pó, Asunawa. E não segui com o seu plano só para vê-lo sendo jogado em um monte de esterco.

Asunawa não se surpreendeu; não era nenhum covarde. Não ali, com centenas de Questionadores na Fortaleza e os Filhos quase todos com medo de dar um passo em falso em meio a eles. O homem ignorou a espada nas mãos de Valda, e seu rosto de mártir assumiu um olhar de tristeza. O suor parecia lágrimas de pesar.

— Nesse caso, já que o Senhor Capitão Canvele acredita que a lei deve ser cumprida, eu receio que...

— *Eu receio que Canvele concorde comigo, Asunawa.* — E o homem concordava desde a aurora, desde que percebera que Valda levava metade de uma legião à Fortaleza. Canvele não era nenhum idiota. — A questão não é *se* serei Senhor Capitão Comandante ao pôr do sol de hoje, mas *quem* irá conduzir a Mão da Luz na busca pela verdade.

Asunawa não era nenhum covarde, e era ainda menos idiota que Canvele. O homem não recuou nem exigiu saber como Valda pensava em fazer aquilo acontecer.

— Entendo — respondeu, depois de um instante. Então completou, num tom mais suave: — Pretende ignorar completamente a lei, meu filho?

Valda quase gargalhou.

— Pode examinar Morgase, mas a mulher não será interrogada. Pode fazer isso quando eu tiver terminado com ela.

O que poderia levar algum tempo. Encontrar um substituto para o Trono do Leão, alguém que compreendesse qual seria o tratamento apropriado a ser dispensado aos Filhos, assim como o Rei Ailron compreendia, não aconteceria da noite para o dia.

Talvez Asunawa compreendesse, talvez não. O homem abriu a boca, mas ouviram um arquejo vindo da porta. O secretário de Niall estava ali, parado, com uma careta, a boca num bico arredondado, os olhos estreitos tentando encarar tudo, exceto os corpos estirados no chão.

— Um dia triste, Mestre Balwer — entoou Asunawa, com uma voz ao mesmo tempo desgostosa e dura feito ferro. — O traidor Omerna assassinou nosso Senhor Capitão Comandante Pedron Niall, que a Luz ilumine sua alma. — Não estava longe da verdade. O peito de Niall já não se movia, e matá-lo de fato fora traição. — O Senhor Capitão Valda chegou tarde demais para salvá-lo, mas matou Omerna no instante mais profundo do pecado.

Balwer se sobressaltou e começou a esfregar as mãos.

Aquele sujeito com jeito de ave deixava Valda incomodado.

— Já que está aqui, Balwer, pode muito bem ser útil. — Valda não gostava de gente imprestável, e o borra-papéis era a completa expressão da inutilidade. — Leve esta mensagem a cada Senhor Capitão da Fortaleza. Diga a eles que o Senhor Capitão Comandante foi assassinado e que estou convocando uma reunião do Conselho dos Ungidos. — Seu primeiro ato depois de ser nomeado Senhor Capitão Comandante seria chutar aquele homenzinho imprestável para fora da Fortaleza, chutá-lo para tão longe que ele quicaria duas vezes. Depois escolheria um secretário que não tremesse tanto. — Não

importa se Omerna foi comprado pelas bruxas ou pelo Profeta, pretendo vingar Pedron Niall.

— Como quiser, milorde. — A voz de Balwer era seca e tensa. — Será como quiser.

Ao que parecia, o homem enfim tomou coragem de olhar o corpo de Niall. Então curvou-se numa mesura desajeitada e saiu, sem mal olhar para mais nada.

— Bem, parece que o senhor será nosso próximo Senhor Capitão Comandante, afinal de contas — comentou Asunawa, depois que Balwer saiu.

— É o que parece — respondeu Valda, com segura.

Uma diminuta folha de papel jazia junto à mão estirada de Niall, do tipo usado para enviar mensagens via pombos. Valda se agachou e a apanhou, depois soltou um suspiro de desgosto. O papel caíra sobre uma poça de vinho, e qualquer que fosse a mensagem estava perdida, a tinta reduzida a um borrão.

— E a Mão terá Morgase quando o senhor não mais necessitar dela. — O tom não era, nem de longe, o de uma pergunta.

— Eu a entregarei ao senhor pessoalmente.

Talvez precisasse mesmo organizar alguma coisinha para saciar o apetite de Asunawa por um tempo. Talvez isso também garantisse a permanência da submissão de Morgase. Valda jogou o papel sobre o corpo de Niall. A idade removera do velho lobo a astúcia e a ousadia, e agora caberia a Eamon Valda pôr as bruxas e o falso Dragão de volta na linha.

Deitado de barriga para baixo sobre uma encosta, Gawyn inspecionava o desastre sob o sol da tarde. Os Poços de Dumai ficavam a milhas de distância ao sul, além das planícies ondulantes e colinas baixas, mas ainda dava para ver a fumaça dos carroções incendiados. Não sabia o que acontecera ali, depois que conduziu o que pôde reunir da Jovem Guarda na fuga. Al'Thor parecera no comando — al'Thor e aqueles homens de casacos negros que pareciam canalizar, derrubando tanto Aiel quanto Aes Sedai. Só a percepção de que as irmãs estavam fugindo é que sinalizara a hora de partir.

Queria ter matado al'Thor. Por sua mãe, morta pelos atos daquele homem — o que Egwene negava, mas não tinha provas. Por sua irmã. Se Min estivesse falando a verdade — deveria tê-la arrastado para fora do acampamento com ele, a despeito da vontade dela... ah, tanta coisa que deveria ter feito diferente! Se Min estivesse certa e Elayne amasse mesmo al'Thor, aquele destino terrível era motivo suficiente para matar. Talvez os Aiel tivessem feito o trabalho por ele. Porém, duvidava um pouco disso.

Com uma risada amarga, ergueu o tubo da luneta. Uma das faixas douradas exibia uma inscrição. “De Morgase, Rainha de Andor, a seu amado filho, Gawyn. Que ele seja uma espada viva para sua irmã e para Andor.” Palavras amargas.

Não havia muito a ver além de grama seca e de pequenos aglomerados de árvores espaçadas. O vento ainda soprava, erguendo ondas de poeira. De vez em quando, um lampejo de movimento em uma dobra entre saliências baixas denunciava os homens em movimento. Aiel, com certeza. Mesclavam-se à terra bem demais para ser a Jovem Guarda de casacos verdes. Quisesse a Luz que outros tivessem escapado, além dos que tinha conduzido até ali.

Era um idiota. Devia ter matado al’Thor; tinha que matá-lo. Mas não podia. Não porque o homem era o Dragão Renascido, mas porque prometera a Egwene que não levantaria a mão contra al’Thor. Como uma simples Aceita, ela desaparecera de Cairhien, deixando a Gawyn apenas uma carta, que ele lera e relera até que o papel quase se desfizesse nas dobras. Não ficaria surpreso em descobrir que ela fora prestar algum tipo de ajuda a al’Thor. Gawyn não podia quebrar a própria palavra, ainda mais à mulher que amava. Jamais quebraria sua palavra a ela. Qualquer que fosse o custo. Esperava que Egwene aceitasse o compromisso que ele assumira com sua honra. Não erguera a mão para ferir, mas também não a erguera para ajudar. Quisesse a Luz que ela jamais lhe pedisse isso. Diziam que o amor confundia a inteligência de um homem, e Gawyn era a prova viva disso.

De súbito, apertou a luneta junto ao olho: via uma mulher galopando num cavalo branco e alto rumo à clareira. Não pôde distinguir o rosto, mas nenhuma serviçal usaria um vestido de montaria. Então pelo menos uma Aes Sedai conseguira escapar. Se as irmãs tinham saído vivas da armadilha, talvez outros moços da Jovem Guarda também tivessem. Com sorte, poderia encontrá-los antes que fossem mortos pelos Aiel. No entanto, primeiro havia a questão de sua irmã. Sob muitos aspectos, Gawyn preferia ter seguido adiante sem ela, mas deixá-la sozinha, talvez para levar uma flechada sem jamais saber de onde viera... Aquilo não era uma opção que ele pudesse permitir. Quando começou a se levantar e acenar para a mulher, o cavalo tropeçou e caiu, fazendo-a voar para a frente.

Gawyn praguejou, então mais uma vez, quando a luneta mostrou a flecha despontando da lateral do animal. Perscrutou as colinas mais que depressa, meio irritado, soltando outro palavrão. Encontrou talvez vinte de Aiel velados em um cume, encarando o cavalo e a cavaleira abatidos, parados a menos de cem passadas da Aes Sedai. Gawyn olhou de volta depressa. A irmã se levantou, cambaleante. Se mantivesse o juízo e usasse o Poder, não haveria maneira de os Aiel a

machucarem, sobretudo caso se abrigasse contra mais flechadas atrás do cavalo abatido. Mesmo assim, o rapaz se sentiria melhor depois que a resgatasse. Rolou o corpo para longe do cume, para diminuir as chances de ser visto pelos Aiel, então deslizou pela encosta reversa até ficar de pé. Levava quinhentos e oitenta e um homens da Jovem Guarda para o sul, quase todos já avançados o suficiente no treinamento para deixar Tar Valon, mas pouco menos de duzentos aguardavam em seus cavalos no vale. Antes do desastre se abater sobre os Poços de Dumai, Gawyn tinha certeza de que havia um plano em ação para que ele e a Jovem Guarda morressem sem nunca voltarem à Torre Branca. O porquê ele não sabia, nem sabia se o esquema fora de Elaida ou de Galina, mas tivera bastante sucesso, ainda que não exatamente da forma que as autoras tinham imaginado. Não era de se espantar que preferia prosseguir sem as Aes Sedai, se tivesse escolha.

Parou junto a um capão cinzento e alto montado por um jovem cavaleiro. Jisao era um sujeito jovem, como eram todos da Jovem Guarda — muitos só precisavam se barbear a cada três dias, e uns poucos ainda apenas fingiam ter que fazer a barba —, mas usava a torre de prata na gola, que o identificava como veterano na batalha da deposição de Sivan Sanche, e, desde então, ostentava cicatrizes sob as roupas. Era um dos que não precisavam se barbear todas as manhãs, mas seus olhos escuros pertenciam a um homem trinta anos mais velho. Gawyn se perguntou o que os outros pensariam de seus próprios olhos.

— Jisao, temos uma irmã para tirar do...

Os cento e tantos Aiel que surgiram trotando pela encosta baixa a oeste se retesaram, surpresos, ao encontrar a Jovem Guarda logo abaixo, mas nem a surpresa nem os inimigos em maior número os detiveram. Em uma fração de segundos, todos se velaram e dispararam colina abaixo, avançando com lanças e golpeando tanto cavalos quanto cavaleiros, trabalhando em pares. Mesmo assim, ainda que os Aiel soubessem lutar contra homens a cavalos, fazia pouco tempo que a Jovem Guarda recebera duras lições sobre como lutar contra os Aiel, e os que custavam a aprender não viviam por muito tempo em seus postos. Alguns portavam lanças finas, que terminavam em um pé e meio de aço, com um guarda-mão para evitar que a ponta penetrasse demais, e todos sabiam usar as espadas tão bem quanto qualquer um que não fosse mestre espadachim. Lutavam em duplas e trios, cada homem vigiando as costas do outro, mantendo as montarias em movimento, para que os Aiel não pudessem acertar os tendões dos animais. Só os Aiel mais ligeiros conseguiam penetrar esses círculos de aço rutilante. Os próprios cavalos de batalha eram armas, esmagando crânios com os cascos,

abocanhando homens e sacudindo-os feito cães estraçalhando ratos, as mandíbulas destruindo metade do rosto de uma vítima. Os cavalos gritavam durante a luta, e os homens grunhiam com o esforço, gritavam com o fervor que os arrebatava na batalha, a febre que os informava de que estavam vivos e viveriam para ver outro nascer do sol, ainda que tivessem de avançar com sangue até a cintura. Gritavam enquanto matavam, gritavam enquanto morriam... parecia haver pouca diferença.

Gawyn, no entanto, não tinha tempo para ver ou ouvir. Como o único da Jovem Guarda a pé, atraía atenção. Três figuras vestidas em *cadin'sor* se esquivaram dos cavaleiros, avançando em sua direção com as lanças a postos. Talvez o considerassem presa fácil, em três contra um. Gawyn os desiludiu. A espada saiu suavemente da bainha, tão suavemente quanto ele passava de O Falcão Estanca para A Trepadeira Abraça o Carvalho, então para A Lua Sobre os Lagos. Por três vezes, sentiu nos pulsos o choque de lâmina contra carne, e, na mesma rapidez, três Aiel velados desabaram; dois ainda se movendo de leve, mas fora da luta. O próximo que o confrontou foi outra história.

Era um sujeito esguio, um palmo mais alto que Gawyn, e movia-se feito uma cobra, a lança tremeluzindo enquanto o broquel saltava e se inclinava para desviar dos golpes de espadas, brandido com uma força que Gawyn podia sentir nos ombros. O Perdiz Dança na Floresta virou a Dobra do Ar, que virou O Cortesão Abana Seu Leque, e o Aiel enfrentou cada postura ao custo de um talho na costela. Gawyn ganhou um corte fundo na coxa que apenas um giro rápido o salvou de que a lança o atravessasse por completo.

Os dois se rodeavam, alheios ao que estivesse acontecendo à volta. Sangue quente jorrava pela perna de Gawyn. O Aiel simulou um ataque, tentando desestabilizá-lo, depois outro. O andoriano foi seguindo de forma em forma, a espada ora erguida, ora abaixada, esperando que o homem levasse um daqueles meios golpes apenas um pouco mais além.

No fim, foi a sorte que decidiu. O Aiel tropeçou de repente em um passo, e Gawyn golpeou seu coração antes que o sujeito sequer visse o cavalo que o fizera tropeçar.

Em outros tempos, teria sentido remorso. Crescera acreditando que, se dois homens tivessem que lutar, o duelo deveria ocorrer de forma limpa e honrada. Mais de meio ano de batalhas e escaramuças o haviam ensinado que as coisas não eram bem assim. Pôs o pé no peito do Aiel e deu um puxão para soltar a espada. Pouco cortês, porém rápido eficaz, e, numa batalha, a lentidão quase sempre significava morte.

Depois de liberar a espada, viu que já não havia necessidade de correr. Os homens estavam caídos, tanto da Jovem Guarda quanto dos Aiel, uns ganindo, outros parados, e o restante dos Aiel seguia para o leste, seguidos por vinte rapazes da Jovem Guarda, incluindo alguns que deveriam ser mais sagazes.

— Parem! — gritou. Se os idiotas se deixassem separar, os Aiel os retalhariam até virar comida de cachorro. — Nada de perseguição! Parem, eu mandei! Parem, que os queime!

A Jovem Guarda parou, relutante.

Jisao deu meia-volta com o capão.

— Eles só queriam cortar caminho por nós para onde quer que eles estejam indo, milorde.

Sangue escorria da metade inferior de sua espada, e Gawyn puxou as rédeas do próprio garanhão baio e montou com um balanceio, sem esperar para limpar ou embainhar a espada. Não havia tempo para ver quem estava morto, quem ainda poderia viver.

— Esqueça todos. Aquela irmã espera por nós. Hal, ponha a meia-tropa para cuidar dos feridos. E fique de olho naqueles Aiel. Só porque estão morrendo não significa que desistiram. O restante, venha comigo.

Hal respondeu com uma saudação da espada, mas Gawyn já cravava os calcanhares no cavalo.

O conflito tinha sido breve, porém mesmo assim demorara demais. Quando chegou ao cume, Gawyn viu apenas o cavalo morto, os alforjes revirados. Uma varredura com a luneta não revelou sinal da irmã, dos Aiel ou de nenhuma criatura viva. Só o que se movia era a poeira revolvida pelo vento e um vestido no chão, junto ao cavalo, se remexendo com as rajadas de vento. A mulher devia ter disparado a toda velocidade para ter desaparecido de vista tão depressa.

— Ela não pode ter ido longe, mesmo correndo — comentou Jisao. — Podemos encontrá-la, se nos dividirmos.

— Vamos procurar depois que cuidarmos dos mortos — retrucou Gawyn, com firmeza.

Não estava disposto a dividir seus homens, não com Aiel perambulando à solta. Faltavam apenas algumas horas para o pôr do sol, e queria montar um acampamento protegido em algum terreno elevado antes do anoitecer. Também seria bom se conseguisse encontrar uma ou duas irmãs. Alguém teria que explicar essa catástrofe a Elaida, e preferia que fosse uma Aes Sedai, não ele, a enfrentar a ira dela.

Virando o baio com um suspiro, Gawyn tornou a descer para calcular a conta do açougueiro. Aquela tinha sido sua primeira lição como soldado: sempre era preciso pagar o açougueiro. Tinha a sensação de que em breve chegariam contas mais altas. O que ainda estava por vir faria o mundo esquecer o que acontecera em Poços de Dumai.



CAPÍTULO 1



ALTA CHASALINA

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu na grande Floresta de Braem. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

A norte e a leste, o vento soprava, enquanto o sol escaldante se erguia no alto de um céu sem nuvens. Soprava a norte e a leste, entre árvores ressequidas com folhas marrons e galhos nus, por entre aldeias isoladas de ar quente e crispado. O vento não trazia nenhum alívio, nenhum indício de chuva, muito menos de neve. A norte e a leste ele soprava, passando um antigo arco de pedra finamente trabalhada que alguns diziam ter sido um portão para uma grande cidade, e outros, um monumento a alguma batalha havia muito esquecida. Apenas resquícios e entalhes ilegíveis e desgastados pelo tempo permaneciam nas pedras imensas, evocando em silêncio as glórias perdidas da história de Coremanda. Uns poucos carroções avançavam lentamente à vista do arco, ao longo da Estrada de Tar Valon, e o povo a pé protegia os olhos da poeira que o vento soprava, erguida pelos cascos dos cavalos e pelas rodas dos carroções. A maioria sequer sabia aonde ia, só sabiam que o mundo dava cambalhotas, despindo-se de qualquer ordem que ainda restasse. Alguns avançavam pelo medo, enquanto outros eram atraídos por algo que não podiam ver e não entendiam — e a maioria desses também tinha medo.

O vento soprava adiante, cruzando o Rio Erinin, verde cinzento, inclinando navios que ainda levavam mercadorias ao norte e ao sul, pois o comércio

era necessário mesmo em dias como aqueles, embora ninguém soubesse ao certo se era seguro fazer negócios. A leste do rio, as florestas iam escasseando até abrir espaço para pequenas colinas ondulantes, cobertas de grama marrom e ressequida, pontilhadas com esparsos aglomerados de árvores. No topo de uma dessas colinas via-se um círculo de carroções, muitos com as lonas chamuscadas ou totalmente queimadas, revelando as carcaças de aço. Um arremedo de mastro, feito com o galho arrancado de uma jovem árvore morta pela seca e preso ao alto da carcaça de um carroção, ostentava um estandarte carmesim ondeante, com um disco branco e preto bem no centro. O Estandarte da Luz, alguns chamavam, ou o estandarte de al'Thor. Outros usavam nomes mais sombrios, sempre estremecendo ao sussurrá-los. O vento balançou o estandarte com força, então foi-se embora, como se estivesse satisfeito em se afastar.

Perrin Aybara estava sentado no chão, as costas largas apoiadas numa roda de carroção, desejando que o vento não fosse embora. Por um instante, o ar ficara mais fresco. E o sopro do sul aliviara as narinas do cheiro de morte, um cheiro que o fazia lembrar onde deveria estar — o último lugar onde gostaria de estar. Muito melhor ali, no meio do círculo de carroções, de costas para o norte, um lugar onde conseguia esquecer um pouco. Os carroções remanescentes tinham sido arrastados para o alto da colina no dia anterior, durante a tarde, quando os homens juntaram forças para fazer algo além de agradecer à Luz por ainda estarem respirando. Agora, o sol se erguia outra vez, trazendo o calor.

Irritado, Perrin coçou a barba curta e crespa; quanto mais suave, mais a barba coçava. O rosto de todos os homens que via em volta estava empanado de suor, exceto pelos Aiel, e a água ficava a quase uma milha de distância ao norte. Porém, os horrores e o cheiro também estavam longe. A maioria considerava uma troca justa. Perrin devia estar cumprindo seu dever, mas a leve culpa não o fez se mexer. Hoje era o dia de Alta Chasalina, e em casa, em Dois Rios, haveria comilança o dia inteiro e dança a noite toda. Era o Dia da Reflexão, criado para que todos se lembrassem das coisas boas da vida. Quem reclamasse levava um balde d'água na cabeça, para espantar o azar. Não era algo que a pessoa fosse querer quando o tempo estava frio, como deveria estar agora; naquele momento, um balde d'água fria seria um prazer. Para um homem com a sorte de estar vivo, Perrin considerava difícil demais arrancar qualquer pensamento bom da própria cabeça. Na véspera, aprendera coisas sobre si próprio. Ou talvez tivesse sido durante a manhã, depois de tudo terminado.

Ainda sentia alguns dos lobos, uns poucos sobreviventes, agora a caminho de um lugar bem longe dali, longe dos homens. Os lobos ainda eram o assunto mais comentado no acampamento, e eram inquietantes as especulações sobre sua origem e por que tinham vindo. Uns poucos acreditavam que Rand os invocara. A maioria achava que tinham sido as Aes Sedai. As Aes Sedai não revelavam seus pensamentos. Os lobos não lançavam nenhuma culpa — o passado ficava no passado —, mas Perrin não conseguia medir forças com seu fatalismo. As criaturas tinham respondido ao seu chamado. Seus ombros, que de tão largos faziam o corpo parecer menor, curvavam-se sob o peso da responsabilidade. De vez em quando ouvia outros lobos, os que não tinham ido, falando desdenhosos com os que tinham corrido para atender seu chamado: aí estava o resultado de se meter com os duas-pernas. Nada mais se poderia esperar.

Foi um esforço guardar os próprios pensamentos para si. Queria estar em casa, em Dois Rios. As chances disso eram pequenas; talvez nunca mais acontecesse. Queria uivar, afirmar que os lobos desdenhosos estavam com a razão. Queria estar com sua esposa em qualquer lugar que fosse, queria que tudo voltasse a ser como antes. As chances disso não pareciam muito melhores, talvez fossem até piores. Muito mais que o desejo de estar em casa, até mais que os lobos, a preocupação com Faile o corroía por dentro, feito um furão lhe roendo as entranhas. Ela parecera até contente ao vê-lo sair de Cairhien. O que Perrin faria com ela? Era incapaz de descrever em palavras o tamanho do amor que sentia pela esposa, e o quanto precisava dela... mas Faile sentia ciúmes sem razão, mágoa a troco de nada, irritação sem motivo. Precisava fazer alguma coisa, mas o quê? A resposta lhe fugia. Seus pensamentos eram lentos e cuidados, enquanto Faile escapava feito areia movediça.

— Os Aiel deveriam pôr umas roupas — resmungou Aram, afetado, encarando o chão de cenho franzido. Estava agachado ali perto, segurando paciente-mente as rédeas de um capão cinza alto e magro. Era raro ele se afastar de Perrin. A espada presa em suas costas chacoalhou junto ao casaco de Latoeiro de listras verdes, aberto por conta do calor, emitindo um som estridente. Um lenço enrolado na testa afastava o suor dos olhos. Em outros tempos, Perrin o considerara quase bonito demais para um homem. No entanto, uma escuridão vazia tomara conta do sujeito, que agora vivia carrancudo. — Não é decente, Lorde Perrin.

Relutante, Perrin deixou de lado os pensamentos sobre Faile. Com tempo, esclareceria tudo. Daria um jeito.

— É o jeito deles, Aram.

Aram franziu o cenho, como se fosse cuspir.

— Pois não é um jeito decente. Assim eles ficam sob controle, eu presumo, já que ninguém ia correr para longe ou arrumar confusão desse jeito... mas não é decente, ah, não.

Havia Aiel para todos os lados, claro. Homens altos e pouco amistosos em trajes cinza, marrons e verdes; o único ponto de cor era uma faixa de tecido escarlate amarrada na testa, o disco branco e preto na frente. *Siswai'aman*, era como se chamavam. Às vezes a palavra deixava Perrin com uma pulga atrás da orelha, como se fosse um termo que devesse conhecer. Se perguntasse a um dos Aiel, recebia em resposta a mirada firme de quem acabava de ouvir a maior asneira. Mas havia outros sem as tiras de tecido. Nenhuma Donzela da Lança usava a faixa vermelha. não importava se tinha a cabeça branca ou se não tivesse idade sequer para se afastar da mãe, todas as Donzelas dispensavam olhares desafiadores e meio presunçosos aos *siswai'aman*, que retribuía com miradas impassíveis, lançando um odor quase de fome — pelo cheiro, era questão de inveja, mas Perrin não fazia nem ideia do motivo. Fosse lá o que fosse, não era novidade, nem parecia provável que os grupos fossem chegar às *vias de fato*. Também havia umas poucas Sábias dentro dos carroções, com suas saias pesadas e blusas brancas, os xales escuros desafiando o calor, os braceletes cintilantes e os colares de ouro e marfim compensando a simplicidade dos trajes. Algumas pareciam se divertir com as Donzelas e os *siswai'aman*; outras se irritavam. Todos — Sábias, Donzelas e *siswai'aman* — ignoravam os Shaido, assim como Perrin ignoraria um banquinho ou um tapete.

Os Aiel tinham capturado duzentos e tantos Shaido no dia anterior, homens e Donzelas — não muitas, considerando o total de envolvidos. Os prisioneiros circulavam livremente, por assim dizer. Perrin estaria bem mais confortável se estivessem vigiados. E vestidos. Em vez disso, ficavam num leva-e-traz de água e recados, nus como vieram ao mundo. Com os outros Aiel, eram mansos feito ratinhos. De resto, quem os olhasse recebia carrancas desafiadoras. Perrin não era o único que tentava *não* olhar, e Aram não era o único que resmungava. Vários homens de Dois Rios faziam uma coisa ou outra, ou ambas. Muitos cairhienos quase tinham ataques apopléticos ao ver um Shaido. Os homens de Mayene só balançavam a cabeça, como se tudo aquilo fosse uma piada. E devoravam as mulheres com os olhos. Eram tão sem-vergonha quanto os Aiel, aqueles homens de Mayene.

— Gaul me explicou, Aram. Você sabe o que é um *gai'shain*, não sabe? Sabe do *ji'e'toh*, dessa história de servir um ano e um dia e tudo o mais? — O homem

assentiu, o que era bom. O próprio Perrin não sabia muita coisa. As explicações de Gaul sobre os Aiel em geral só o confundiam ainda mais. Gaul sempre achava tudo muito óbvio. — Bom, os *gai'shain* não têm permissão para usar nada que um *algai'd'siswai* usaria. Esse nome significa “lutadores da lança” — acrescentou, ao ver a expressão interrogativa de Aram.

De súbito, percebeu que estava encarando uma Shaído que trotava em sua direção, uma jovem alta, de cabelos dourados e bem bonita, apesar da comprida cicatriz que descia pela bochecha e de outras cicatrizes em outros pontos. Muito bonita, e muito nua. Ele pigarreou alto e desviou o olhar. Sentiu o rosto quente.

— Enfim, é por isso que eles estão... desse jeito. Os *gai'shain* usam roupas brancas, e não tem nenhuma por aqui. É só o jeito deles...

Que se queime Gaul com suas explicações, pensou. Eles deviam se cobrir com alguma coisa!

— Perrin Olhos-Dourados — chamou uma voz feminina —, Carahuin quer saber se o senhor deseja água.

O rosto de Aram ficou roxo. Ainda agachado, ele deu um solavanco e virou o corpo de costas para a mulher.

— Não, obrigado.

Perrin não precisou olhar para cima para saber que era a loira dos Shaído. Manteve o olhar desviado, encarando o nada. Os Aiel tinham um senso de humor peculiar, e as Donzelas da Lança — Carahuin era uma delas — eram as mais peculiares. Elas logo perceberam como os aguacentos reagiam aos Shaído, o que só um cego não notaria, e de uma hora para outra começaram a mandar *gai'shain* até os aguacentos a torto e a direito. Os Aiel praticamente rolavam de rir dos rostos enrubescidos, dos balbucios e até dos berros. Perrin tinha certeza de que Carahuin e as amigas o observavam naquele exato instante. Era pelo menos a décima vez que uma *gai'shain* ia até ele perguntar se queria água, se tinha uma pedra de amolar sobrando ou qualquer outra idiotice.

Um pensamento súbito lhe tomou de assalto. Os homens de Mayene raramente sofriam esse tipo de assédio. Alguns cairhienos claramente gostavam de olhar, embora não de forma tão explícita quanto os homens de Mayene, e também uns velhos de Dois Rios que já não deviam se prestar a essas coisas. A questão era que nenhum desses, que ele soubesse, recebera mais que um recadinho espúrio. Os mais reativos, por outro lado... Os cairhienos, que viviam bradando sobre indecências, e dois ou três jovens de Dois Rios, que gaguejavam e coravam quase a ponto de derreter, tinham sido importunados até fugirem dos carroções.

Com esforço, Perrin tornou a olhar o rosto da *gai'shain*. Seus olhos. *Atenção aos olhos*, pensou, frenético. Eram verdes, grandes e nada submissos. A mulher cheirava a pura fúria.

— Mande minha gratidão a Carahuin e diga que você pode passar um óleo na minha sela reserva, se ela não se incomodar. E estou sem camisas limpas. Será que ela se importa que você lave umas roupas para mim?

— Ela não se importa — respondeu a mulher, em um tom rígido, então deu meia-volta e saiu a passos firmes.

Perrin desviou os olhos com esforço, embora a imagem permanecesse gravada em sua mente. Luz, Aram tinha razão! Com sorte, porém, talvez tivesse acabado de impedir outras visitas. Teria que dizer isso a Aram e aos homens de Dois Rios. Talvez os cairhienos também escutassem.

— O que é que vamos fazer em relação a elas, Lorde Perrin? — Mesmo ainda olhando para longe, Aram já não falava dos *gai'shain*.

— Isso cabe a Rand decidir — respondeu Perrin, hesitante, a satisfação se esvaindo.

Podia ser estranho considerar pessoas andando nuas por aí um problema pequeno, mas a outra questão com certeza era maior. E Perrin estava evitando lidar com aquilo com o mesmo fervor com que evitava o que jazia ao norte.

Do lado oposto do círculo dos carroções, havia quase duas dúzias de mulheres sentadas no chão. Todas bem-vestidas, com roupas de viagem. Muitas usavam seda, e a maioria trajava sobrecapas de linho leve, mas sem uma gota de suor na face. Três pareciam tão jovens que, antes de se casar com Faile, ele poderia tê-las chamado para uma dança.

Bom, se não fossem Aes Sedai, pensou, amargurado. Certa vez, chegara a dançar com uma Aes Sedai, e quase mordeu a língua ao perceber a identidade da parceira. E tinha sido sua amiga, se é que podia chamar alguma Aes Sedai de amiga. *Por quanto tempo uma Aes Sedai aparenta a idade que de fato tem?* As outras tinham uma idade indefinida. Talvez tivessem vinte anos, talvez quarenta; a sensação mudava de uma olhada a outra, mas era sempre incerta. Era o que diziam seus rostos, embora muitas já tivessem cabelos grisalhos. Com Aes Sedai, simplesmente não era possível ter certeza. A respeito de nada.

— Pelo menos essas já não representam perigo — disse Aram, apontando com a cabeça na direção de três irmãs um pouco afastadas das outras.

Uma delas chorava com o rosto enfiado entre joelhos, as outras duas encaravam o nada, perturbadas; uma puxava a saia, num gesto meio abobalhado. Estavam daquele jeito desde o dia anterior, mas pelo menos ninguém mais gritava.

Se Perrin entendera direito, o que não tinha muita certeza, aquelas mulheres de alguma forma tinham sido estancadas durante a libertação de Rand. Elas jamais voltariam a canalizar o Poder Único. Para uma Aes Sedai, decerto era melhor estar morta.

Teria esperado que as outras Aes Sedai as confortassem, que cuidassem delas de alguma forma, mas a maioria ignorava as três por completo, ainda que de uma forma meio calculada, mantendo o olhar em qualquer outro canto possível. As Aes Sedai estancadas, inclusive, também se recusavam a reconhecer a presença das outras. No início, pelo menos, algumas poucas irmãs tinham se aproximado, uma de cada vez, com o olhar calmo, mas com um odor pungente de aversão e relutância. Porém, nada conseguiram fazer contra a dor delas, nem uma palavra, nem um olhar. Nenhuma havia se aproximado naquela manhã.

Perrin sacudiu a cabeça. As Aes Sedai pareciam sempre ignorar o que não queriam admitir. Os homens de casaco preto parados perto delas, por exemplo. Havia um Asha'man para cada irmã, inclusive para as três que tinham sido estancadas, e pareciam nem sequer piscar. As Aes Sedai olhavam para além dos Asha'man, ou através deles — era como se os homens sequer existissem.

Era um belo truque. Perrin não conseguia ignorar os Asha'man, e olha que nem estava sob a guarda deles. Iam desde garotos com uma leve penugem no rosto até velhotes grisalhos de cabelo ralo, e o que os tornava perigosos não era a cara fechada, os casacos pretos de gola alta ou a espada que usavam na cintura. Cada Asha'man era capaz de canalizar e de alguma forma estavam impedindo as Aes Sedai de canalizarem. Homens capazes de manejar o Poder Único, um verdadeiro pesadelo... Rand podia, claro, mas era *Rand*. E, além do mais, era o Dragão Renascido. Aqueles sujeitos arpreiavam os pelos da nuca de Perrin.

Os Guardiões sobreviventes das Aes Sedai capturadas mantinham certa distância, vigiados sob uma guarda própria. Trinta e tantos dos homens do exército de Lorde Dobraine, de capacetes cairhienos em forma de sino, e o mesmo número de homens da Guarda Alada de Mayene, com suas placas peitorais vermelhas, todos com olhos de águia, como se vigiassem leopardos. Uma boa atitude, considerando as circunstâncias. Mais guardas que Guardiões, um bom número a mais, e talvez ainda assim fossem poucos.

— Queira a Luz que esse bando não cause mais nenhuma desgraça — murmurou Perrin.

Os Guardiões tinham tentado escapar duas vezes durante a noite. Na verdade, as fugas tinham sido suprimidas mais pelos Asha'man que pelos cairhienos ou os homens de Mayene, e eles não foram gentis. Nenhum Guardião tinha sido

morto, mas pelo menos dez tinham ossos quebrados que nenhuma das irmãs conseguira Curar.

— Se o Lorde Dragão não pode tomar a decisão — murmurou Aram —, talvez deva ser tomada por outra pessoa. Para a proteção dele.

Perrin disparou um olhar de esguelha.

— Que decisão? As irmãs proibiram os Guardiões de tentarem outra fuga, e eles vão obedecer a suas Aes Sedai.

De ossos quebrados ou não, desarmados como estavam, com as mãos atadas às costas, os Guardiões ainda pareciam uma matilha de lobos só aguardando o comando do líder para atacar. Nenhum sossegaria até que sua Aes Sedai fosse libertada, talvez até que todas as irmãs fossem soltas. Aes Sedai e Guardiões; uma pilha de troncos de carvalho envelhecidos, prontos para arder em chamas. Mas até os Guardiões e as Aes Sedai tinham provado não ser páreo para os Asha'man.

— Não estou falando dos Guardiões. — Aram hesitou, então aproximou-se de Perrin e baixou ainda mais a voz, até um sussurro rouco. — As Aes Sedai sequestraram o Lorde Dragão. Ele não pode confiar nelas, nunca, mas também não faz o que tem de fazer. Se elas morressem antes que ele soubesse...

— O que é que você está dizendo? — Perrin quase engasgou ao se empertigar. Não pela primeira vez, ficou pensando se de fato havia algum traço de Latoeiro no outro homem. — Elas estão indefesas, Aram! Mulheres indefesas!

— Elas são Aes Sedai. — Os olhos escuros sustentaram o olhar dourado de Perrin. — Não são confiáveis, não podem ficar à solta. Por quanto tempo dá para manter uma Aes Sedai presa contra a própria vontade? Elas têm feito tudo o que podem há muito mais tempo que os Asha'man. Devem saber mais. São uma ameaça para o Lorde Dragão e para o senhor, Lorde Perrin. Eu as vi olharem para o senhor.

Do outro lado do círculo de carroções, as irmãs conversavam entre si em sussurros que nem Perrin conseguia ouvir, a boca bem perto da orelha da outra. Vez ou outra uma olhava para ele e Aram — ou melhor, *para ele*, não para Aram. Perrin pescara um bom punhado de nomes. Nesune Bihara. Erian Boroalos e Katherine Alruddin. Coiren Saeldain, Sarene Nemdahl e Elza Penfell. Janine Pavlara, Beldeine Nyram, Marith Riven. Essas últimas eram as irmãs mais jovens. Mesmo assim, jovens ou de idade indefinida, todas o observavam com expressões tão serenas que pareciam estar na vantagem, a despeito dos Asha'man. Derrotar as Aes Sedai não era fácil; fazê-las admitir a derrota beirava o impossível.

Perrin se forçou a desunir os dedos e pousou as mãos sobre os joelhos, exibindo uma calma que não estava nem perto de sentir. As mulheres sabiam que ele era *ta'veren*, um daqueles poucos em torno de quem o Padrão se moldava por um tempo. E pior: sabiam que ele estava ligado a Rand de uma forma que ninguém compreendia, muito menos ele próprio ou Rand. Ou Mat. Mat também estava nesse emaranhado, outro *ta'veren*, embora nenhum dos dois tivesse a força de Rand. Se tivessem a menor chance, aquelas mulheres trancafiariam ele e Mat dentro da Torre Branca com a mesma rapidez com que poriam Rand, todos acorrentados feito cabras, esperando a chegada do leão. E tinham mesmo sequestrado Rand, feito mal a ele. Aram tinha razão sobre uma coisa: as mulheres não eram confiáveis. Mas o que Aram sugeria ele não faria... não podia! Não iria encorajar tal coisa. Só o pensamento lhe embrulhava o estômago.

— Não quero mais ouvir falar nisso — rosnou. O ex-latoeiro abriu a boca, mas Perrin o interrompeu. — Nem mais uma palavra, Aram, está ouvindo? Nem mais uma palavra!

— Como milorde Perrin quiser — murmurou Aram, inclinando a cabeça.

Perrin desejou poder ver o rosto dele. O homem não exalava raiva nem ressentimento. Isso era o pior. Não havia cheiro de raiva nem quando Aram sugeria um assassinato.

Uma dupla de homens de Dois Rios subiu nas rodas do carroção seguinte, espionando abaixo dele e da colina, em direção ao norte. Cada um portava uma aljava no quadril direito e uma faca robusta e de lâmina comprida, quase uma espada curta, do lado esquerdo. Uns bons trezentos homens tinham seguido Perrin até ali. Ele maldizia o primeiro a chamá-lo de Lorde Perrin, maldizia o dia em que parara de tentar impedi-los. Mesmo com os murmúrios e barulhos rotineiros em um acampamento daquele tamanho, não teve dificuldade em ouvir a dupla.

Tod al'Caar, um ano mais jovem que Perrin, soltou um longo suspiro, como se pela primeira vez enxergasse o que estava lá embaixo. Perrin quase sentia o queixo quadrado do homem se mexendo. A mãe de Tod só o deixara partir pela honra de ter o filho acompanhando Perrin Olhos-Dourados.

— Uma vitória notável — disse Tod, por fim. — Foi isso o que conquistamos. Não foi, Jondyn?

O grisalho Jondyn Barran, deformado feito uma raiz de carvalho, era um dos poucos homens de mais idade entre os trezentos. Melhor arqueiro que qualquer um em Dois Rios, exceto o Mestre al'Thor, e o melhor caçador de todos, mas um dos residentes menos honrados de Dois Rios. Jondyn não trabalhara um dia

sequer a mais que o necessário desde que completara idade suficiente para sair da fazenda do pai. Só queria saber da floresta e de caçar, além de se embebedar nos dias de festival. Agora, cuspiu audivelmente antes de dizer:

— Se você diz, rapaz. Foram esses malditos Asha'man que venceram, de todo modo. E foi bem-vindo, eu digo. Pena que eles não pegam essa vitória e vão comemorar em algum outro lugar.

— Eles não são tão ruins — protestou Tod. — Eu mesmo não me incomodaria em ser um deles. — Aquilo soava mais como uma bravata do que verdade. E cheirava a bravata, também. Mesmo sem olhar, Perrin teve certeza de que o rapaz lambia os lábios. Era provável que fizesse pouco tempo que a mãe de Tod o assustara com histórias de homens capazes de canalizar. — Porque Rand... Quer dizer, o Lorde Dragão... Isso ainda é estranho, não é? Que Rand al'Thor seja o Dragão Renascido e tudo o mais? — Tod riu, um som curto e desconfortável. — Bem, ele pode canalizar, e não parece... ele não... quer dizer... — O rapaz engoliu em seco. — Além do mais, o que poderíamos ter feito sem eles, com todas aquelas Aes Sedai? — Isso saiu em um sussurro. Ele agora cheirava a medo. — Jondyn, o que é que vamos fazer? Quer dizer, Aes Sedai *prisioneiras*?

O homem mais velho cuspiu outra vez, mais alto que antes. Também não se deu ao trabalho de baixar a voz. Jondyn sempre dizia o que pensava, não importava quem estava ouvindo, outro motivo para sua má reputação.

— Melhor para nós se todas tivessem morrido ontem, rapaz. Vamos pagar por isso antes do fim. Pode escrever, vamos pagar caro.

Perrin parou de ouvir — tarefa difícil, considerando seus ouvidos. Primeiro Aram, agora Jondyn e Tod, ainda que de forma mais indireta. *Que o queime, Jondyn!* Não, o homem podia fazer até Mat parecer esperto, mas, se ele falava, os outros pensavam. Nenhum homem de Dois Rios se disporia a machucar uma mulher, mas quem mais desejava a morte das prisioneiras Aes Sedai? E quem poderia tentar conquistar a façanha?

Perscrutou o círculo de carroções, incomodado. Não gostava nada da ideia de ter que proteger as prisioneiras Aes Sedai, mas não se esquivava da tarefa. Tinha pouca afeição por qualquer Aes Sedai, menos ainda por essas, mas crescera com a certeza não dita de que qualquer homem se colocaria em risco para proteger uma mulher, desde que essa mulher permitisse; e gostar dela ou sequer conhecê-la não fazia diferença. Verdade, uma Aes Sedai podia atar qualquer homem que quisesse de infinitas maneiras diferentes, mas, apartada do Poder, era igual a qualquer outra pessoa. Essa era a luta que tratava toda vez que olhava para elas. Vinte Aes Sedai. Vinte mulheres que talvez não soubessem se defender sem o Poder.

Passou um tempo analisando os guardas Asha'man, todos com uma expressão sombria feito a morte. Exceto pelos três que vigiavam as mulheres estancadas. Esses tentavam parecer tão sombrios quanto o resto, mas sob a tentativa havia alguma outra coisa... Satisfação, talvez. Se pelo menos estivesse perto o bastante para sentir o cheiro... Qualquer Aes Sedai representava uma ameaça aos Asha'man. Talvez o inverso também fosse verdade. Talvez esse homens fossem apenas estancá-las. Pelo pouco que Perrin conseguira entender, estancar uma Aes Sedai equivalia a um assassinato, com a diferença de que o corpo levava uns anos para se deitar.

Qualquer que fosse o caso, Perrin concluiu, relutante, que precisava deixar os Asha'man a cargo de Rand. Os homens só falavam entre si e com as prisioneiras, e Perrin duvidava de que dariam ouvidos a qualquer um além de Rand. A questão era: o que Rand diria? E o que Perrin poderia fazer, se ele dissesse a coisa errada?

Deixando o problema de lado, coçou a barba com o dedo. Os cairhienos ficavam muito nervosos com as Aes Sedai para considerar machucá-las, e os homens de Mayene eram respeitosos demais, mas ficaria de olho mesmo assim. Quem imaginaria que Jondyn iria tão longe quanto fora? Perrin ainda possuía certa influência entre os cairhienos ou os homens de Mayene, embora isso de certo fosse mudar se os homens pensassem melhor. Afinal de contas, a bem da verdade, ele não passava de um simples ferreiro. Então restavam os Aiel. Perrin suspirou. Não sabia nem quanta influência o próprio Rand de fato tinha sobre os Aiel.

Era difícil distinguir odores individuais com tanta gente em volta, mas já estava acostumado a distinguir tudo tanto pelo cheiro quanto pela visão. Pelo cheiro, os *siswai'aman* que se aproximavam estavam calmos, porém alerta — um odor plácido e marcante. Mal notavam as Aes Sedai. O aroma das Donzelas era espinhento, com uma fúria reprimida, e mais ainda quando encaravam as prisioneiras. E as Sábias... todas as Sábias que chegaram de Cairhien eram capazes de canalizar, embora nenhuma tivesse o rosto de idade indefinida. Supôs que usassem o Poder Único com pouca frequência. Contudo, fossem de rosto liso como Edarra ou de feições curtidas como a grisalha Sorilea, portavam-se com um autocontrole que se equiparava aos das Aes Sedai. Mulheres graciosas, na maioria, quase todas altas, assim como quase todos os Aiel, e pareciam ignorar as irmãs por completo.

Sorilea examinou as prisioneiras sem nenhuma hesitação e continuou falando baixinho com Edarra e outra Sábica, uma mulher esguia e loira que Perrin não

conhecia de nome. Se pelo menos entendesse o teor da conversa... As Sábias foram caminhando, sem alterar em nada as expressões serenas, mas os odores eram outra história. Quando o olhar de Sorilea passou pelas Aes Sedai, seu cheiro ficou frio e distante, soturno e resoluto, e, enquanto ela falava, os odores das outras duas se alteraram, passando a combinar mais com o de Sorilea.

— Um belo de um caldo — grunhiu Perrin.

— Problemas? — perguntou Aram, empertigando-se, a mão direita pronta para pegar o cabo da espada com uma cabeça de lobo no topo, projetado por cima do ombro. Aram passara a manejar muito bem aquela espada em um espaço muito curto de tempo e jamais relutava em usá-la.

— Nenhum problema, Aram.

Não era exatamente mentira. Removido aos trancos de seu estado sorumbático e meditativo, Perrin olhou os outros de verdade pela primeira vez. Todos juntos. Não gostava do que via, e as Aes Sedai eram só parte daquilo.

Cairhienos e homens de Mayene observavam os Aiel com desconfiança, o que nada mais era além de uma resposta à desconfiança dos Aiel, sobretudo em relação aos cairhienos. Nisso não havia surpresa. Afinal, os Aiel tinham a reputação de não serem nem um pouco amistosos com os nascidos deste lado da Espinha do Mundo, e ainda menos se fossem cairhienos. A simples verdade era que Aiel e cairhienos se odiavam com a maior força possível. Nenhum dos grupos chegara a deixar a inimizade de lado — o melhor que se podia dizer era que era mantida sob rédeas bem folgadas —, mas até agora Perrin estivera convencido de que iam conseguir se conter. Por Rand, se não por qualquer outro motivo. Mas um clima estranho pairava sobre o acampamento, uma tensão que tingia todos. Rand estava solto, e as alianças temporárias enfim se provaram não ser nada além disso: temporárias. Os Aiel suspendiam as lanças quando olhavam para os cairhienos, que apalpavam as espadas com um ar soturno. Os homens de Mayene também... Esses não tinham qualquer desavença com os Aiel, nunca sequer haviam lutado contra eles — exceto pela Guerra dos Aiel, quando todos tinham lutado contra eles —, mas, se houvesse luta, havia pouca dúvida sobre que lado escolheriam. Assim como os homens de Dois Rios, provavelmente.

Entretanto, o clima soturno era ainda mais forte entre os Asha'man e as Sábias. Os homens de casacos pretos não dispensavam mais atenção às Donzelas e aos *siswai'aman* que aos cairhienos, aos homens de Mayene ou os de Dois Rios, mas observavam as Sábias com expressão quase tão sombria quanto as que dispensavam às Aes Sedai. Era muito provável que fizessem pouquíssima distinção entre os grupos de mulheres capazes de manejar o Poder Único. Qualquer uma

podia ser inimiga e perigosa; e treze juntas eram um perigo mortal. Havia mais de noventa Sábias no acampamento ou pelos arredores. Menos da metade do número de Asha'man, mas ainda assim o bastante para causar estrago, caso desajassem. Mulheres capazes de canalizar, mas que no entanto pareciam seguir Rand — mulheres que pareciam seguir Rand, mas que no entanto eram capazes de canalizar.

As Sábias encaravam os Asha'man apenas com um pouco menos de frieza do que encaravam as Aes Sedai. Os Asha'man eram homens capazes de canalizar, mas seguiam Rand. Seguiam Rand, mas... Rand era um caso à parte. Segundo Gaul, sua habilidade para canalizar não era mencionada nas profecias sobre o *Car'a'carn*, mas os Aiel pareciam fingir que esse inconveniente não existia. Os Asha'man, no entanto, sequer estavam nessas profecias. Devia ser como descobrir um grupo de leões raivosos lutando a seu lado. Por quanto tempo permaneceriam leais? Talvez fosse melhor abatê-los logo.

Jogou a cabeça para trás, encostando-a na roda do carroção, mantendo os olhos fechados, arfando o peito em um riso silencioso e melancólico. Na Alta Chasalina, deveria pensar nas coisas boas. *Que me queime*, pensou, amargo, *eu devia ter ido com Rand*. Não, era melhor saber... E melhor que fosse de uma vez. Mas, pela Luz, o que ele faria? Se os Aiel, os cairhienos e os homens de Mayene se virassem uns contra os outros, ou pior, os Asha'man e as Sábias... Aquilo era um barril cheio de cobras, e a única forma de saber quais eram víboras era enfiar a mão dentro. *Luz, como eu queria estar em casa com Faile, com uma forja onde trabalhar e ninguém me chamando de lorde por aí*.

— Seu cavalo, Lorde Perrin. O senhor não disse se queria Galope ou Tenaz, então selei... — Notando o olhar firme e dourado de Perrin, Kenly Maerin se calou e ficou parado junto ao garanhão castanho que conduzia.

Perrin fez um gesto para tranquilizar o rapaz. Nada daquilo era culpa de Kenly. O que não tinha conserto era preciso aguentar.

— Calma, rapaz. Você fez bem. Galope está ótimo.

Odiava falar com Kenly daquele jeito. O jovem baixo e truncado mal tinha idade de se casar ou de sair de casa e sem dúvida não tinha idade para a barba falha que tentava cultivar, querendo imitar Perrin. Contudo, lutara contra Trollocs em Campo de Emond e se saíra muito bem na luta de ontem. Mas ele escancarou um sorriso ao ouvir o elogio de Lorde Perrin dos Malditos Olhos-Dourados.

Perrin se levantou, pegou o machado de onde estava apoiado, debaixo do carroção, fora de vista e longe dos pensamentos por um tempo, e enfiou o cabo

no passante do cinto. Uma pesada lâmina em meia-lua, equilibrada por uma grossa ponteira curva; um objeto feito com nenhum outro propósito além de matar. O cabo do machado em suas mãos era familiar demais para ser confortável. Será que ele ainda recordava a sensação de segurar um martelo de forja? Havia outras coisas para além de “Lorde Perrin” que talvez fosse tarde demais para mudar. Um amigo certa vez lhe dissera que guardasse o machado até começar a gostar de usá-lo. O pensamento lhe trouxe um calafrio, apesar do calor.

Com um balanceio, montou a sela de Galope, gesto que foi imitado por Aram, em seu cinzento, e ficou sentado virado para o sul, para dentro do círculo de carroções. Com pelo menos metade a mais de altura que o mais alto dos Aiel, Loial andava com cuidado, passando por cima dos engates dos carroções cruzados. Com seu tamanho, o Ogier realmente parecia poder quebrar um dos pesados varões de madeira com um passo em falso. Como de costume, o grandalhão levava um livro na mão, um dedo grosso marcando a página, e os espaçosos bolsos do longo casaco estavam abarrotados de outros volumes. Loial passara a manhã em um pequeno aglomerado de árvores que chamava de tranquilo e sombroso — mas por mais sombra que houvesse entre aquelas árvores, o calor também o afetava. O Ogier tinha o semblante cansado, e o casaco estava desabotoado, com o laço da camisa desfeito e as botas enroladas para baixo, sob os tornozelos. Ou talvez fosse mais que o calor. Assim que adentrou o círculo de carroções, Loial parou, perscrutando as Aes Sedai e os Asha'man, e os tufos de suas orelhas estremeceram, incomodados. Os olhos grandes feito xícaras de chá se voltaram para as Sábias, e as orelhas vibraram outra vez. Ogier eram sempre sensíveis aos sentimentos que permeavam os ambientes.

Quando viu Perrin, Loial cruzou o acampamento a passadas firmes. Sentado em sua sela, Perrin ainda assim ficava dois ou três palmos mais baixo do que o amigo de pé.

— Perrin — sussurrou Loial —, isso está tudo errado. Não está certo, e além do mais é perigoso.

Para um Ogier, foi um sussurro. Soava feito uma abelha do tamanho de um cão de guarda. Algumas Aes Sedai viraram a cabeça.

— Dá para falar um pouquinho mais alto? — perguntou Perrin, quase entredentes. — Acho que o pessoal em Andor ainda não ouviu. A oeste de Andor, talvez.

Loial o encarou, sobressaltado, então fez uma careta, as compridas sobrance-lhas roçando as bochechas.

— Olha, eu sei sussurrar, sabe... — Desta vez era improvável que alguém ouvisse com clareza a mais de uns três passos de distância. — O que vamos fazer, Perrin? É errado prender as Aes Sedai contra a vontade delas, é errado e também é perverso. Eu já disse isso antes, e vou dizer outra vez. E nem é o pior... A sensação aqui... está faiscando, este lugar vai entrar em erupção feito um carroção carregado de fogos de artifício. Rand está sabendo disso?

— Não sei — respondeu Perrin, para as duas perguntas.

Depois de um instante, o Ogier assentiu, relutante.

— Alguém tem que saber, Perrin. Alguém tem que fazer alguma coisa.

Loial olhou para o norte, por cima dos carroções atrás de Perrin, que imediatamente soube que não havia mais como adiar.

De má vontade, deu meia-volta com Galope. Preferia ter se preocupado com Aes Sedai, Asha'man e Sábias até ficar careca, mas o que tinha de ser feito, tinha de ser feito. *Pense em coisas boas durante a Alta Chasalina.*





A RODA DO TEMPO GIRA, E ERAS VÊM E VÃO, DEIXANDO MEMÓRIAS QUE SE TRANSFORMAM EM LENDAS.

As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins.

No sétimo volume da série que consagrou Robert Jordan como o maior nome da fantasia desde J.R.R. Tolkien, Elayne, Aviendha e Mat estão cada vez mais perto do ter'angreal, que pode reverter a onda de calor que se alastra pelo mundo e restaurar o clima natural. Em meio à rede de tramas das Aes Sedai de Salidar, Egwene começa a reunir diferentes tipos de mulheres capazes de canalizar, algumas de origens surpreendentes. Já Rand prepara-se para enfrentar o Abandonado Sammael nas sombras de Shadar Logoth, onde uma entidade sedenta por sangue, Mashadar, está à espreita, pronta para dominar sua presa.

Em *Uma Coroa de Espadas*, Jordan constrói uma obra incomparável, com personagens complexos e uma trama repleta de intrigas e conspirações, que soluciona mistérios lançados pelo caminho enquanto abre novas portas, estas ainda mais instigantes e rumando ao encontro com o Tenebroso em Tarmon Gai'don, a Última Batalha.

SAIBA MAIS EM:

[HTTPS://WWW.INTRINSECA.COM.BR/LIVRO/1095/](https://www.intrinseca.com.br/livro/1095/)